



AO SERVIÇO DA RAINHA DO MUNDO

«*Ao serviço da Rainha do Mundo*»

definindo a sua posição:

— «*Gostosamente concedo que haja quem me supere em talentos, erudição, personalidade, e em tudo o resto, mas não consentirei que alguém me vença no respeito, confiança e amor para com a Mãe de Deus*».

*S. João Eudes, Apóstolo do Coração
Imaculado de Maria.*

«AO SERVIÇO DA RAINHA DO MUNDO»

Publicação orientadora do «Movimento dos apóstolos do Coração Imaculado de Maria para a difusão da mensagem de Fátima»

ANO I -- N.º 4 -- ABRIL-MAIO e JUNHO DE 1956

Sumário

A nossa homenagem ao Santo Padre	2
O Papa Pio XII	5
O Papa	18
O dia do Papa — Dia consagrado à Igreja Católica	23
O Papa da Juventude	27
Pio XII, o Pontífice da Paz e da Caridade	33
Pio XII — O Papa de toda a Igreja	35
Palavra de Ordem de Sua Santidade o Papa Pio XII	46

DIRECTOR

P. JOSÉ ALVES

Seminário das Missões

Silva (Barcelos) — Minho I

SECRETÁRIOS

Secção feminina:

Di.^a Carolina Augusta Perez Brandão

Rua Bocage, 59, 1.º — Lisboa

Secção masculina:

Di. Manuel Vitorino Rodrigues Teixeira

Rua dos Ferreiros à Estrela, 44 - 1.º

Lisboa

ADMINISTRAÇÃO

Seminário-Noviciado dos Padres

do Espírito Santo

Silva (Barcelos) — Minho I

Em homenagem filial de fé, gratidão e amor a Sua Santidade

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

A NOSSA HOMENAGEM AO SANTO PADRE

NO mês de Março de 1956, representou-se um quadro que jamais se apagará da memória dos católicos. Em Roma, Pio XII completa 80 anos, e o mundo levanta-se, à uma, para lhe prestar as suas homenagens. Não seria ousado afirmar que, no dia 11 de Março, o mundo se reuniu, na Basílica de S. Pedro, aos pés do Sumo Pontífice. É certo que a grande basílica, apesar de repleta, não podia conter todos os homens, porém, os que gozam de liberdade tiveram ali alguém a representá-los e todos os católicos que penam sob o jugo inumano do comunismo estiveram presentes pelo pensamento. Nesse dia, de festa para a família dos filhos de Deus, pela face de quantos não teriam corrido lágrimas de saudades, ao lembrarem-se da Cidade Santa, onde os irmãos livres aclamavam entusiasticamente o Pai comum.

Neste quadro magnífico, também nós, os apóstolos do Coração Imaculado de Maria, desempenhámos um papel activo. Alguns de nós estiveram corporalmente presentes na basílica de S. Pedro e todos vivemos aquele dia com o nosso Pai comum, pelo pensamento: — Sentimo-nos mais contentes do que nos outros dias, rezámos pelas suas intenções, procurámos que toda a gente da nossa paróquia celebrasse com brilho esta festa da família cristã e não nos poupámos a sacrifícios para incutir nos outros o amor à Igreja e ao Santo Padre.

O que se passa no mundo das almas tende, naturalmente, a manifestar-se no mundo dos corpos. É por isso que desejamos apresentar um número da nossa revista inteiramente dedicado àquele a quem Santa Catarina de Sena chamaria o «Doce Cristo na terra». Ele terá o condão de manifestar ao mundo que nós amamos o Papa, que nós sentimos com o Papa, que nós queremos ver a vontade do Papa cumprida por toda a parte. Ele é o nosso Pai e nós os seus filhos — a sua vida repercute-se na nossa e a nossa na dele.

Quem somos nós?

NÓS somos aqueles que desprezam o que passa e anelam pelo Eterno. Nós, pelo Baptismo, morremos com Cristo a tudo o que é pecado e, com Cristo ressuscitados, desejamos viver a vida dos filhos de Deus. Ouvimos a voz do Divino Pastor, acorremos ao Seu rebanho e, agora, Ele apascenta-nos amorosamente: — De manhã, conduz-nos às pastagens viçosas dos sacramentos, ao meio-dia, faz-nos descansar à sombra do Seu manto e, à noite guia-nos ao repouso eterno do Pai. Nós, afinal, não somos senão aqueles que nascem, vivem e morrem com Cristo.

Nós somos aqueles que acreditam, amam e vivem da Igreja. Do nosso coração ergue-se constantemente esta prece amorosa: «PAI NOSSO, VENHA A NÓS O VOSSO REINO». Desejamos viver constantemente da vida de Cristo, isto é, da graça, e queremos difundir esta vida sacrossanta à nossa volta. A nossa máxima aspiração é nunca deixar de ser membro perfeito da Igreja: — Desde o Baptismo até à morte e através de toda a Eternidade formaremos um único corpo com Cristo Jesus. Nós somos aqueles que acreditam na Ressurreição do Senhor e vivem da vida que d'Ele emana sobre toda a Santa Igreja. Nós cremos que viver em estado de graça é viver da vida de Cristo Ressuscitado. Nós não queremos viver um único instante em pecado mortal. Nós preferimos morrer mil vezes a pecar uma só vez. Para nós, viver é Cristo.

Nós recusamos dar um passo em frente, sem termos a nossa mão na daqueles que são, na terra, os continuadores de Jesus. Nós vemos na Igreja um prolongamento de Cristo Senhor Nosso. Queremos obedecer cegamente ao Santo Padre e aos nossos Prelados, pois Cristo vive neles para impulsionar, unir e vivificar a Igreja. Nós, numa palavra, somos aqueles que atravessam o deserto desta vida, alimentando-se do maná dos sacramentos, bebendo da fonte da água viva — a doutrina de Cristo, e deixando-nos conduzir por aqueles que representam Jesus entre os Homens.

Quem é o Papa?

O Papa é o grande chefe que deve conduzir o povo de Cristo, através do deserto da vida, para a Terra Prometida, para o Seio do Pai. O Papa é, como dizia Orígenes, o grande alicerce e a pedra fortíssima sobre a qual assenta a Igreja. Ele é, para a Igreja, o que o centro é para a circunferência: — Nele se concentra e dele emana toda a vida dos filhos de Deus.

No dizer de Agostinho, que não faz senão repetir as palavras de Jesus, o Papa é a cabeça dos Apóstolos, o porteiro do Reino dos Céus, isto é, da Igreja. Foi ao Papa que Jesus confiou o Seu rebanho, as ovelhas e os cordeiros, os bispos e os fiéis. Ele é o sustentáculo da nossa Fé e o penhor da nossa união. O Papa é para o corpo o que Jesus é para a alma da Igreja: — É Cristo, vida da Igreja, que se apresenta aos nossos olhos de carne.

O Papa é, numa palavra, um sinal sensível, eficaz e permanente de Cristo Senhor, vida e princípio de unidade da grande família dos filhos de Deus.

O nosso grito

Sendo assim, para o Santo Padre, a nossa homenagem de Fé, de gratidão e de amor.

Nós acreditamos no Papa. Nós sabemos que ele representa Cristo, junto de nós. Nós estamos certos de que ele é Jesus a manifestar-se aos Seus filhos.

Nós vimos aos pés do Santo Padre agradecer-lhe os enormes sacrifícios que ele tem suportado pela Santa Igreja, isto é, por nosso amor e por amor de todos os nossos irmãos que vivem da mesma vida que nós, da vida de Cristo glorificado.

Nós queremos gritar do mais fundo do coração: Ó SANTO PADRE, NÓS VOS AMAMOS. Nós queremos ver cumprida, por toda a parte, a vossa vontade. Nós estamos prontos a colaborar convosco na santificação dos nossos irmãos. Nós sentimos convosco: — As vossas alegrias e os vossos sofrimentos são nossos, assim como os nossos são vossos. Nós vos amamos como a Cristo Jesus, nosso ideal, nosso encanto e nossa vida.

E. J. A.



OS PAIS DE PIO XII

«Eugénio Pacelli é filho de pais muito honestos, dotados dos melhores costumes, brilhantes na piedade e em todas as práticas religiosas».



Eugenio

Paolli'



Pio XII criança

«A criança é o futuro: futuro carregado de sombras ou cheio de promessas»

O PAPA PIO XII

NASCIMENTO E INFÂNCIA — O Papa, apesar da altura e dignidade, a que o vemos elevado e de que está revestido, tem como todos os homens um único meio de aparecer no mundo: o nascimento. Como diz a Escritura, é comum a todos a entrada na vida e a saída dela. E assim é que, no meio de grande festa e alegria, o lar de Filipe Pacelli e de Virgínia Graziosi vê aparecer mais um filho, o terceiro, no dia 2 de Março de 1876 e que dois dias após, na Igreja dos Santos Celso e Julião, recebia o Baptismo e o nome de Eugénio Pacelli.

A família, de que era oriundo, além de nobre, era dotada de profundas convicções religiosas. O pároco testemunhará a quando da entrada de Eugénio no Seminário: «Eugénio Pacelli é filho de pais muito honestos, dotados dos melhores costumes, brilhantes na piedade e em todas as práticas religiosas». E seria fácil naquele último quartel do século XIX ter tais convicções? Tenha-se presente o racionalismo e o anticlericalismo que então reinavam e poder-se-á fazer um juízo. O racionalismo, por princípio, nada admite que a razão humana não atinja; «o anticlericalismo resume-se em ressentimento contra Deus, contra o Ser que aparece ao nosso olhar como Senhor absoluto da vida e da morte, como justiceiro implacável, como inimigo do amor, da alegria e da liberdade; ressentimento contra certas tiranias familiares exercidas em nome de presumidas autorizações religiosas; ressentimento contra uma classe sacerdotal, porque administra a moralidade». Eugénio teve um dia a audácia de numa aula invocar a autoridade de S. Agostinho; o argumento suscitou um murmúrio de protesto e fastio nos imberbes condiscípulos. Que significaria aquilo? É que a Itália também estava repleta da ideologia do tempo acrescida da «vitória» que acabavam de obter contra a Igreja com o roubo dos estados pontifícios.

E neste ambiente é que Eugénio Pacelli cresceu, e neste ambiente é que ele teve a ousadia de invocar em público a autoridade de S. Agostinho.

A nobreza da família de que provinha e a educação que lhe foi ministrada fez dele, desde a mais tenra infância, o que o nosso Sá de Miranda, chamaria «homem dum só parecer, dum só rosto e duma só fé». Esta afirmação de personalidade do pequeno Eugénio levou-o a vencer todos os obstáculos da sua idade infantil, a enfren-

tar corajosamente uma horda uivante contra os seus princípios religiosos, a vencer todos aqueles que com ele tiveram a grande dita de viver.

Sentado nos bancos escolares com 4 anos apenas, começa desde logo a ser a admiração de todos. O seu comportamento é exemplaríssimo; as qualidades intelectuais de que é dotado provocam o espanto dos próprios mestres. Ao contrário do que por vezes se nota, a fuga e afastamento dos mais inteligentes, aqui dava-se perfeito entendimento entre Eugénio e os seus condiscípulos. Todos nutrem por ele grande estima e consideração porque ele a todos sabe cativar e comunicar algo daquilo que tem em abundância: bondade, doçura, amabilidade.

O DESPORTISTA — A compleição física do pequeno Pacelli é um pouco franzina. Cedo o vemos a fortificá-la. Os desportos merecem-lhe uma grande atenção: o remo e a equitação, ao lado das longas excursões pedestres, fascinam-no. A ginástica será exercício perpétuo na sua vida. Relatam os seus biógrafos que, mesmo colocado no cume da autoridade hierárquica e mesmo com 80 anos de idade, jamais ele deixou de lhe dedicar uns momentos diários.

Ao lado da prática, há que verificar o apreço e o carinho que ele sempre nutriu pelo desporto. Gostava de ouvir as transmissões radiofónicas dos grandes encontros desportivos; lia e lê com prazer os jornais que se ocupam deste assunto. Como Papa verifique-se com que entusiasmo ele se dirigiu, por várias vezes já, aos praticantes do desporto e com que alegria recebeu a manifestação que eles lhe fizeram no passado dia 9 de Outubro de 1955: dignou-se mesmo tomar em suas venerandas mãos e abençoar a bola com que 10 basquetebolistas executaram na sua frente uma partida desta modalidade.

SACERDOTE — Ao fim dos estudos liceais, com grande brilho terminados como testemunham os resultados de distinção que obteve, sentiu Eugénio uma forte atracção para o estado sacerdotal. Deus queria-o para si. Começou imediatamente a preparar-se para a carreira que lhe parecia ser a sua. E em 1899 recebia, no dia de Páscoa, a unção sacerdotal. No dia seguinte ofereceu ao Senhor o Santo Sacrifício na Basílica de Santa Maria Maior.

Concluídos que foram os seus estudos sacerdotais e as formações em Teologia e Direito Canónico, foi chamado a exercer a sua actividade na Secretaria de Estado do Vaticano. Quantas vezes ele

pensara que após a sua ordenação seria enviado para uma paróquia onde calma e silenciosamente exerceria o seu múnus pastoral; bem se enganou. Para de algum modo suprir esta ânsia de actividade pastoral, que nele ardia, nos escassos momentos que as suas occupações lhe deixavam livres, não encontrava maior prazer do que ensinar o Catecismo às crianças. E com que arte ele o não faria, ele que um dia mais tarde dirá aos educadores: a vossa acção sobre as crianças deve ser «uma acção salutar e de tal modo eficaz que elas ao atravessar o mundo o possam deixar melhor atrás de si, mais doce e mais belo que o tinham encontrado. A criança é o futuro: futuro carregado de sombras ou cheio de promessas».

A competência com que desempenhava o seu cargo é assim testemunhada pelo grande Cardinal Gasparri, Secretário de Estado de Sua Santidade Bento XV e encarregado por este de redigir o Livro Branco a quando do corte de relações entre a França e a Santa Sé: «para me ajudar escolhi Monsenhor Pacelli, um dos meus bravos empregados da Secretaria de Estado e no qual deponho particular confiança».

BISPO E NÚNCIO — *As provas de grande tacto político e bom senso de que se afirmou dotado durante os 15 anos de trabalho consecutivo na Secretaria de Estado, levaram Bento XV a considerá-lo apto para a missão espinhosa de Núncio Apostólico em Munique da Baviera. Nomeia-o Bispo e o próprio Pontífice o sagra no dia 13 de Maio de 1917, dia, mês e ano em que a Senhora aparecia em Fátima. Sete dias após a sagração partia ele para Munique.*

No livro dos Provérbios diz a Sagrada Escritura acerca do legado: «assim como a frescura é grata ao corpo nos dias de ceifa, assim o legado fiel é grato àquele que o enviou: faz ele com que a sua alma descanse» (25, 13). E Bento XV pode estar descansado; o seu enviado mostrar-se-á digno e à altura do cargo e fará descansar a alma do Pontífice.

Tomou posse duma Nunciatura toda envolta pelos ruídos da guerra: por toda a parte a devastação, a desolação, os gritos dos feridos, dos prisioneiros, a morte. Apresenta-se ao governo e tenta obter a paz, pois com ela nada e ninguém se perde e com a guerra tudo está perdido.

O Imperador Guilherme traça nas suas «Memórias» este esboço do Núncio: «Pacelli é pessoa simpática, distinta, de inteligência clara

é de maneiras afáveis: é um modelo perfeito de Prelado eminente da Igreja Católica». Todas as tentativas e propostas de paz foram rejeitadas e não só isso mas foram aleivosamente tornadas impossíveis.

Vendo a inutilidade dos seus esforços para conciliar os povos, Pacelli vem a Roma onde prepara novos planos. Quer vingar-se. Regressa à sede da sua Nunciatura. Em Roma tivera o cuidado de preparar grandes planos de caridade e chegado à Baviera vai pô-los por obra. Um por um começa a visitar os campos dos prisioneiros; a todos distribui o que juntara para lhes matar a fome e lhes proteger o corpo; e ao mesmo tempo oferece a todos um sorriso amigo, a todos dirige palavras quentes de consolação e reconforto, a todos anima; alguns com a esperança já perdida, reobtem-na; outros para quem Deus não passava de um mito ou de um desconhecido tornam-se seus amigos; todos vêem nele o anjo consolador.

Terminara a guerra, Pacelli é nomeado Núncio em Berlim. Nunca cedendo nada do que poderia lesar a Igreja ou os seus direitos, vai ele tentar aproximar a Alemanha da Santa Sé. As dificuldades surgem. O exame das condições propostas pela Igreja é intencionalmente demorado pelo governo que vai diferindo de ano para ano só em 1929 é que foi assinada a Convenção que aproximou o Reich da Sé Apostólica.

CARDIAL — SECRETÁRIO DE ESTADO — Pio XI reconhecendo o grande valor do Núncio Pacelli quer premiá-lo pela obra maravilhosa que ele levou a efeito. Eleva-o por isso à dignidade cardinalícia a 16 de Dezembro de 1929 e, no ano seguinte, nomeia-o seu Secretário de Estado. Árdua tarefa lhe estava reservada.

O nazismo, o fascismo e o comunismo agitam uma grande parte da Europa com repercussões mundiais. Querem instaurar no mundo o reino da felicidade e da paz mas pondo Deus à margem dos acontecimentos. O plano que há-de levar a este fim começa pela educação da juventude. Combate-se todo o sentimento de pudor, toda a ideia de humildade, todo o influxo da religiosidade. Em compensação ministra-se-lhe uma dose valente de orgulho, de soberba, de ódio.

A Igreja, mãe terna e carinhosa, atenta a toda a injustiça, sai em defesa dos perseguidos inocentes. A encíclica «Non abbiamo bisogno» de 29 de Junho de 1931 é a defesa pública dos inocentes e a condenação clara dos tiranos que agora, como há vinte séculos, per-



EUGÊNIO PACELLI (o primeiro da esquerda) excursionista

«Os desportos merecem-lhe uma grande atenção: o remo e a equitação, a par das longas excursões pedestres, fascinam-no».



PIO XII sacerdote

«O sacerdote deve dispor a sua alma à imolação da vontade através da obediência»

seguem e vibram os seus golpes na pessoa mesma do Príncipe dos Apóstolos, perseguindo as ovelhas e os cordeiros que Cristo lhe confiou. Disse o Papa Pio XI: «uma concepção do estado que lhe faz pertencer as gerações jovens inteiramente e sem excepção desde a primeira infância até à idade senil, não é conciliável para um católico com a doutrina que professa, e nem sequer é conciliável com o direito natural da família. Não é conciliável para um católico com a sua doutrina a pretensão de a Igreja e o Papa se limitarem às práticas exteriores de religião (Missa e sacramentos) e que o resto da educação pertence totalmente ao Estado».

A esta luta ideológica segue-se a assistência a um drama doloroso: a China, o México e a Espanha banham-se em sangue. Pio XI tinha denunciado todos «os inimigos da ordem social chamem-se eles comunistas ou seja não importa qual o seu nome». E a resposta a esta denúncia é clara nestes três países. O ódio contra a Igreja ficou bem patente na fúria sanguinária dos seus inimigos. Factos? Quem se não lembra das mortes sem número de crianças inocentes, de jovens indefesos, tão bárbaramente perpetradas no país vizinho e especialmente no México?

Em 1937 com as encíclicas «*Divini Redemptoris*» e «*Mit brennender sorge*» Pio XI condena, na primeira, o comunismo ateu, na segunda, o nazismo panteísta, racista, estatolatra.

Neste ambiente é que o cardinal Pacelli exerceu e com quanta mestria, bom senso e rectidão, as suas funções de Secretário de Estado. Diz um biógrafo de Pio XII que se «devem duas coisas ao cardinal Pacelli nesta ocasião: ter sabido neutralizar a todo o momento o extremo desconforto do Papa para que se não tornasse intolerável; ter considerado o conflito como um problema difícil, mas não insolúvel» (1). E Pio XI tendo por braço direito Pacelli viu claro e agiu com firmeza em momentos tão ensombrados da história da humanidade. O conflito entre Deus e Satanaz, entre a religião e o mundo, entre a Igreja e o Estado embora não fosse resolvido mostrou a sua não insolubilidade.

Era o cardinal Pacelli aos olhos do Pontífice um grande homem, um grande político e um grande santo. Em 1934, 1935, 1937 e 1938 tendo necessidade de enviar um legado «*a latere*» ao Congresso Eu-

(1) (N. Padellaro — «*Pio XII*» — pág. 110).

carístico de Buenos Aires, ao encerramento do Jubileu da Redenção em Lourdes, à bênção do Santuário de Santa Teresa de Lisieux e à inauguração do Congresso Eucarístico Internacional de Budapeste, não duvida um instante e o Cardial Pacelli lá vai. Por toda a parte fala e não se cansa de denunciar os inimigos da Igreja, de chamar os cristãos a viver a sua fé neste momento em que mais que nunca « ou se é herói, ou se é traidor ». Por toda a parte a nobreza que o caracteriza e o carácter e poder, de que está revestido, são entusiasticamente louvados e aclamados.

O PAPA — A 10 de Fevereiro de 1939 expirava Sua Santidade o Papa Pio XI. Mal expirado ainda, eis o Cardial Pacelli a inclinar-se sobre o corpo do defunto e a depor um beijo de saudade na fronte e outro de reverência nas mãos. A grande amizade que estreitara intimamente os dois homens ficou bem expressa neste último adeus.

O rebanho por Cristo confiado à guarda de Pedro tinha perdido mais um Pastor eurgia dar-lhe outro. Convocam-se os Cardiais a Conclave marcado para o dia dois de Março de 1939. Após todos os preparativos prescritos pelo Cerimonial, começa a votação para a eleição do Sumo Pontífice. O Cardial Pacelli tinha preparado o seu passaporte para no fim do Conclave ir para a Suíça tomar um pouco de descanso, refazer-se das suas fadigas, recuperar as forças perdidas. Estava iludido. Pensava que todos poderiam ser Papa menos ele e afinal nenhum o pôde ser a não ser ele. Como decorreram as votações, não se sabe, não se pode saber. Sabe-se sim que Pacelli ficou profundamente abalado e quase fora de si quando se viu eleito Papa. O Cardial Verdier, que estava sentado a seu lado, testemunha: « eu estava ao lado dele no último Conclave, quando as votos do Sacro Colégio lhe davam pouco a pouco a certeza de que seria Papa. Tirado o último voto, pálido, comovido, o piedoso Cardial fechou os olhos e recolheu-se como que terrificado numa profunda oração. Alguns minutos se passaram em tão solene momento. Que momentos e que oração ». O povo, que se aglomerava na grande praça de S. Pedro, esperava ansiosamente que o fumo branco lhe desse a notícia de que um novo Papa estava eleito. Eis senão quando um grito de aplauso e de aclamação sai de todas aquelas bocas: o fumo branco acabava de aparecer. Todos aclamavam o Papa e nenhum sabia quem era esse Papa. A torrente de aclamações ia crescendo de minuto para minuto e atingiu o auge quando o seu Cardeal Pacelli, romano

como a maioria deles, lhes appareceu revestido dos ornamentos pontifícios: *Que delírio: Viva o Papa! Viva o Papa Pacelli!!!*

No dia 12 do mesmo mês de Março proceder-se-á à coroação do novo Pontífice. A basílica de S. Pedro regorgita de pessoal vindo de todas as partes do mundo e saído de todas as condições sociais. Reis e Príncipes, Presidentes de República e Embaixadores ao lado de Cardiais e Bispos, padres e religiosos misturados com estudantes, empresários, patrões e operários. E todo este amálgama tem um só clamor, um só desejo e uma só prece: «Senhor, dai-nos um Pastor que seja verdadeiramente o vosso representante providencial nos nossos tão difíceis tempos».

É-lhe imposta a Mitra e a seguir a Tiara. Ao colocar-lhe esta na cabeça, diz-lhe um Cardeal «recebe a Tiara ornada de três coroas e sabe que és o pai dos príncipes e dos reis, governador do mundo aqui na terra e Vigário de Nosso Senhor Jesus Cristo.» Noutra ocasião é-lhe dito: «a Mitra é-te dada porque Sumo Sacerdote, a Tiara porque adquiriste um reino». Poder-se-ia perguntar: «onde está hoje o império temporal do Papa? Que governantes de povos dão ouvidos, escutam a voz daquele que a Igreja lhes dá por pai?»

Finda a cerimónia da coroação pontifícia, as aclamações ao novo Pontífice, ao 162.º sucessor do Pescador da Galileia, são infundas. O Embaixador francês teve este desabafo: «tinha muitas vezes visto e ouvido aclamar Pio XI e com que ardor e fervor durante os últimos anos de pontificado, quando o coração do povo se tinha tão intimamente ligado com ele. Mas nunca tinha assistido a uma explosão de aplausos como aquella que saudou Pio XII»...

A GUERRA — Densas nuvens se acumulavam no horizonte das relações internacionais. Já se ouvia o soar do tambor e o troar dos canhões em breve começaria. A morte, a destruição, a ruína ameaçavam a Europa e o mundo inteiro.

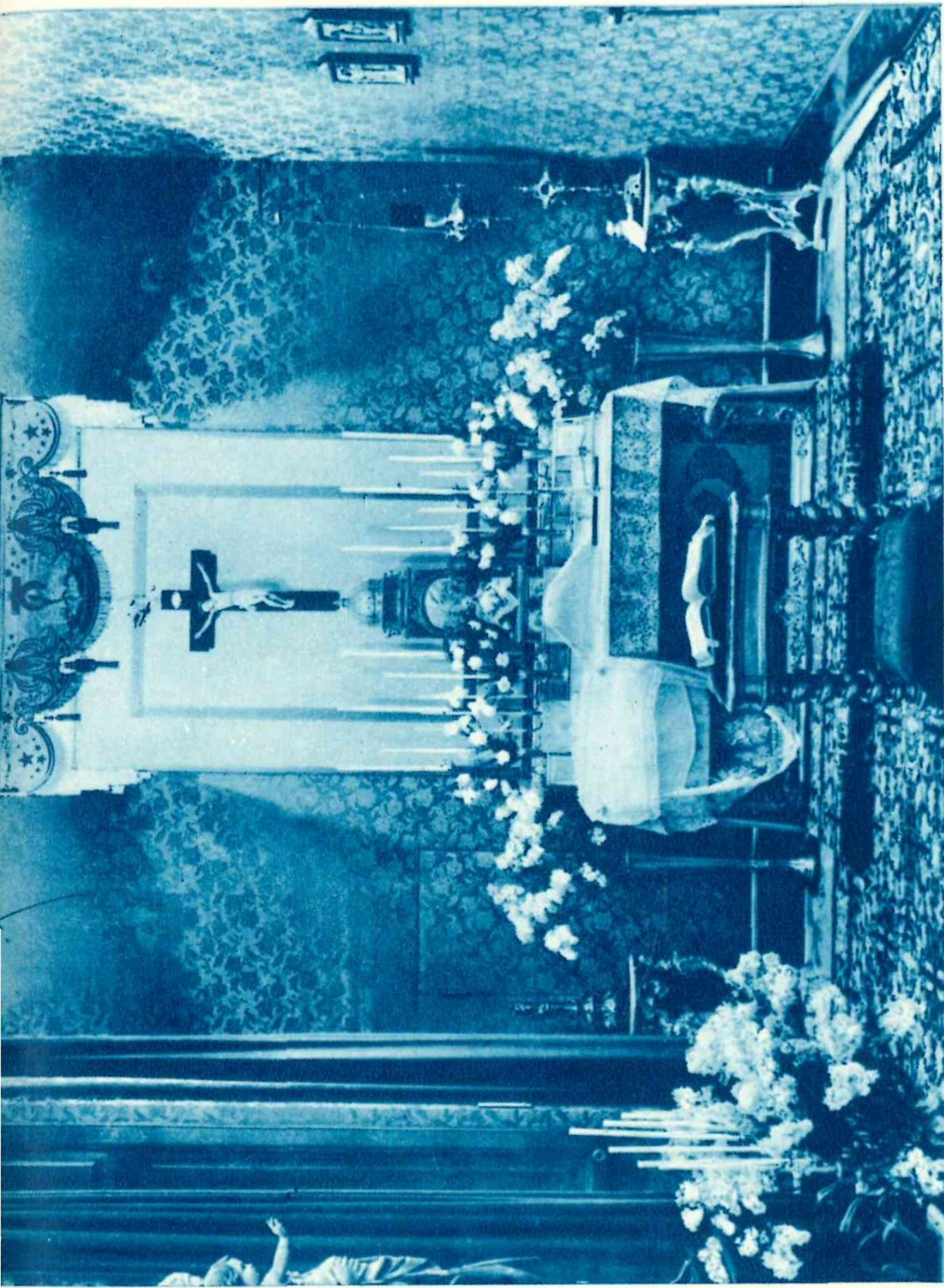
O primeiro ano de pontificado de Pio XII ia começar na luta pela paz. E quanto ele não fez! Missivas aos governantes pedindo-lhes que assinassem entre si tratados de paz que no dizer do próprio Pontífice «são sempre honrosos»; reprovação clara das atitudes de certos países impondo a outros condições de existência indignas de homens. Mas os homens não querem a paz! A quando da entrada da Alemanha na Polónia, na Bélgica, na Holanda e no Luxemburgo, o Papa envia imediatamente a estes países os seus

sentimentos de pesar pela agressão injusta de que acabam de ser vítimas. Na radiomensagem natalícia de 1942 o Papa chamou as atenções para o renovamento e elevação social e moral que só no cristianismo existem e que só na ordem, na tranquilidade, na paz de todos podem ser realizados. Mussolini ao ver as palavras do Papa teve este infeliz comentário: «O Vigário de Deus — isto é o representante na terra do regulador do universo — jamais deveria falar: deveria ficar sempre no meio das nuvens». «A boca fala da abundância do coração»: coração inquieto, coração injusto, coração maligno não seria capaz de fazer ou de falar de outro modo.

DEFENSOR CIVITATIS — À medida que a guerra se vai prolongando em tempo e em espaço, ei-la que também se dirige para Roma. A Basílica de S. Lourenço Fora dos Muros foi o primeiro alvo dos invasores. A 19 de Julho de 1944 (aniversário do incêndio de Roma por Nero) dá-se o que se não previa, o primeiro bombardeamento de Roma. Aquela Basílica foi destruída, as casas circundantes ficaram arrasadas e centenas de pessoas jazem por terra, mortas a maior parte, feridas as restantes. O Papa deixa o Vaticano e vai consolar as vítimas, partilhar com elas a desolação que acabrunha os seus espíritos. O povo chorando e aclamando cerca-o. Pio XII a todos conforta com a sua palavra paternal, a todos distribui os seus dons, a todos dá a sua bênção de pai comum e de representante de Cristo na terra.

13 de Agosto de 1944: de novo Roma ouve o troar dos canhões e o ensurdecedor barulho dos aviões que a sobrevoam, vomitando junto a S. João de Latrão as bombas da destruição e da morte. O Sumo Pontífice de novo se dirige ao local do sinistro: quer viver com o seu povo romano a tragédia horrível que ali se está a passar. E desta vez o Papa macula a branca batina. Uma jovem que estava já nos estertores da agonia ao reconhecê-lo ganhou forças e ânimo suficientes para ainda manifestar a sua alegria pela presença dele ali; e neste gesto derradeiro de mãos e cabeça a jovem atirou à batina do Papa uma porção do sangue que estava derramado. A impressão que esta mancha causou no povo circundante é indescritível. Todos ali reconheciam o sangue do Papa, dos seus filhos e de si próprios. Todos estão feridos e o Papa também o está.

Os dias passam e prepara-se um assalto total e final a Roma. Pio XII não pode suportar a ideia de ver Roma destruída. Dirige-se como já muitas vezes tinha feito, mas agora com termos cer-



Nesta linda capela, sob os olhares de Jesus e de Sua Mãe, o Santo Padre começa o seu dia — preenche de bênçãos para a Humanidade inteira. Junto da imagem da Mãe Ele continua a repetir: «Ó Conquistadora do mal e da morte, inspiraí em todos um profundo horror ao pecado que torna as almas detestáveis a Deus e escravas do inferno».

ANNO SANTO 1950



« SACERDOS ET HOSTIA »

Os dois Pastores vão encontrar-se. O colóquio versará sobre o Rebanho

teiros, duros e convincentes aos aliados e mostra-lhes bem claramente a profanação e sacrilégio que farão se destruírem o centro da cristandade. Aos alemães declara o perigo que estão a ser para ele (não Eugénio Pacelli, mas para ele Pio XII, Pontífice Máximo) e o perigo em que estão a pôr a cidade eterna, o berço da arte e da civilização ocidental. Em última instância tentam os alemães convencer o Papa a deixar Roma e refugiar-se na Alemanha, mas Pio XII afirma-lhes que jamais deixará Roma. Esta categórica afirmação do Pontífice demove-os e deixam a cidade. Entram, sem oposição, as tropas aliadas em Roma livre da destruição pela acção enérgica e ininterrupta do Papa romano. Todo o povo se reúne na praça de S. Pedro a vibrar de alegria e a aclamar o «Defensor civitatis», o salvador da cidade.

A guerra afastou-se, mas nova aflicção atinge agora o espírito do Sumo Pontífice. Os soldados estrangeiros parece não terem a mínima noção de honradez e moralidade e Roma é por eles transformada num lugar de vício e perdição. Para satisfazer a justiça divina por tantos pecados que agora se cometem a dentro dos muros da capital do cristianismo, o Papa faz penitência e convida o seu povo a seguir-lhe o exemplo. Pio XII dirige-se então aos estrangeiros, fala-lhes na sua própria língua e põe-lhes diante dos olhos o quadro impuro e imundo que Roma por sua causa oferece, ministrando-lhes ao mesmo tempo a doutrina cristã que de maneira nenhuma permite tais desenfreamentos. E mais uma vez defendeu a cidade: da primeira vez defendera-a do terror das armas; da segunda do terror das almas. Assim «Pio XII, Pontífice Máximo a 12 de Março de 1939, Estratagista Máximo a 12 de Março de 1944, entregava a 4 de Junho Roma intacta aos romanos e a Sede ao Príncipe dos Apóstolos» (N. Padellaro «Pio XII» pág. 270).

A PAZ — A 9 de Maio de 1945, quando a guerra acabou na Europa, o Santo Padre falou aos vencedores, pedindo-lhes que com ele agradecessem ao Pai Celeste, e implorassem a Bondade divina para que terminasse com a guerra ainda existente no Extremo Oriente e desse aos povos a tranquilidade da ordem e a paz. A 2 de Setembro o Japão capitulou e assim se apagaram as últimas chamas duma guerra de 6 anos que trouxe a muitas nações a ruína completa, a muitas pessoas inocentes a morte e a todo o orbe a insegurança, o cansaço físico e moral, a desolação e o ódio.

HORAS DE AFLIÇÃO — «Após a tempestade vem a bonança»;
mas esta não foi de longa duração: 3
anos apenas.

Novas angústias assaltam já em tétrico cortejo a alma do Pontífice. O comunismo faz a divisão da Europa: de um lado a Rússia e satélites, do outro o mundo livre. Uma cortina impenetrável — de ferro — separa estes países. Alguns anos depois o mesmo se verifica na Ásia: a China comunista isola-se do resto do mundo para só dar ouvidos a Moscovo.

O dia 26 de Dezembro de 1948 marca a abertura da presente perseguição à Igreja: na Hungria é preso pelos comunistas o primaz daquele país, o Cardeal Mindszenty. Quais as causas? Três principais lhe foram apresentadas e uma quarta se lhes junta aqui: a primeira é o protesto por ele feito contra o roubo perpetrado pelo governo sequestrando à Igreja os seus bens; a segunda é o delito por ele cometido de não ter apresentado, no ano transacto, os cumprimentos de «Bom Ano» ao governo (se o tivesse feito teria mostrado exteriormente o que o seu interior não sentia); a terceira é o imperdoável crime de nunca ter permitido a secularização das escolas católicas; a quarta e última era a sombra de justiça e verdade que ele projectava sobre todos os irrequietos de consciência, não lhes deixando fazer o que eles queriam e mostrando-lhes bem claramente os erros que cometiam e os instintos de que eram dotados. Metido na prisão contra todas as leis do mais simples direito natural e do direito eclesiástico, a voz do Purpurado já os não atormenta. O Santo Padre protestou e todo o mundo católico reclamou contra a injustiça cometida; nada conseguiram a não ser a verificação de que se trabalhava pela demolição da Igreja. O episcopado da Hungria, chefiado pelo arcebispo Ralocs, apresenta o seu protesto ao governo; o protesto é aceite e em resposta Ralocs é detido e condenado a 15 anos de prisão.

Na Checoslováquia o arcebispo de Praga José Beran porque condenou os destrutores da Igreja, é preso. Na Bulgária e Roménia confessar-se sacerdote é escolher a condenação pois que para estes senhores todo o sacerdote é um espião e um organizador de conspirações contra o regime comunista. A Jugoslávia mete sob custódia o arcebispo de Zagrábia Stepinac. Varsóvia envia para localidade desconhecida o seu arcebispo Wyszinsky. Na Ásia o arcebispo de Pequim Tien Chen Sin, está impedido de exercer as suas funções de pastor. Este espectáculo, acrescido de todas as perseguições

de que nestes países são vítimas todos os católicos e seus pastores e visto em pormenor como o vê Pio XII, que dor lhe não há-de causar! Poderá um pai, que tão ternamente ama os seus filhos, vê-los desaparecer, serem-lhes roubados, torturados, mortos?

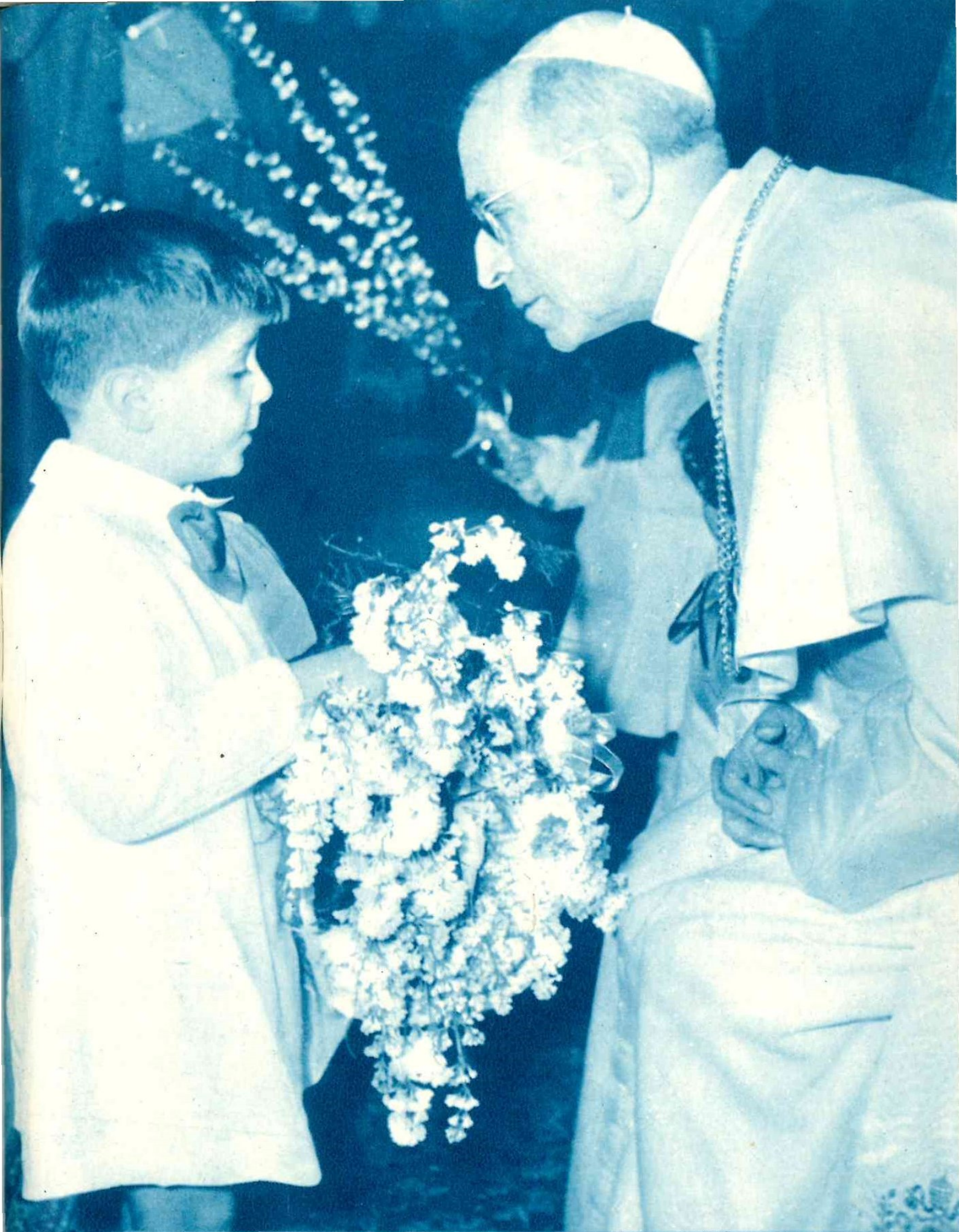
A ofensa que mais agrava é aquela que nos faz um amigo. E também alguns dos que se diziam amigos da Igreja e do Papa — e que por dever de estado o deviam ser — prepararam um amargo cálice ao Vigário de Cristo. Os padres operários, que trabalhavam com o mundo para trazer esse mundo a Cristo, esqueceram-se do seu fim; depois esqueceram-se do seu estado sacerdotal; em alguns já nem o pensamento de que eram cristãos existia. E assim em vez de converterem o meio operário para Cristo, deixaram-se corromper pelas ideias geralmente comunistas que nesse meio vigoram. Um deles teve o descaramento de num discurso fazer esta afirmação: «se a nós, combatentes da liberdade, alguém perguntar: quem é comunista? responderemos: todos». Excessos destes houve muitos. O Papa viu-se obrigado a intervir e a regular tal espécie de apostolado afirmando que a «Igreja está pronta a todas as audácias no plano do apostolado contanto que haja a certeza de que esse apostolado será fidelíssimo na oração, na doutrina e na obediência». O sacerdote antes de mais nada deve dispor a sua alma à «imolação da vontade através da obediência». Esta é que faltou. Tal falta originou o desnorteamento. Deste resultou para o coração do Pontífice o vibrar de mais um profundo golpe.

MOMENTOS DE ALEGRIA — Entre tantas satisfações e dores também o Santo Padre tem horas de alegria e consolação. Já em 1942 sentiu a grande alegria de consagrar o mundo ao Imaculado Coração de Maria. Em 1946 com que prazer não vê ele reunirem-se em Fátima perante a Virgem e o seu Legado aquelas 500.000 pessoas que querem tomar parte na Coroação da Senhora, render-Lhe graças pela paz que agora reina e pedir-Lhe que a conserve. No após-guerra vê com gosto e satisfação que os seminários se encham, os mosteiros se repovoam aumentando mesmo o número em relação ao que antes da guerra existia. É, com o coração exultante de alegria que ele anuncia a 26 de Maio de 1949 o Ano Santo e no dia 24 de Dezembro do mesmo ano procede à abertura da Porta Santa. A definição dogmática da Assunção ao Céu da Virgem Senhora, a canonização de S. Pio X, Pontífice que ele muito bem conheceu e a da mártir da pureza

Maria Goretti, a instauração do Ano Mariano, são outros tantos motivos de exultação para Pio XII e datas gloriosas, marcos miliários na história do seu Pontificado. Não deixam também de lhe ser caras a oferta que os católicos do mundo inteiro lhe fizeram dando-lhe a Basílica Menor de S. Eugénio e aquela outra que Portugal lhe fazia com a consagração da Igreja de S. Eugénio em Lisboa; uma e outra oferta são significado do desejo firme que os católicos dora em diante querem trabalhar, à imitação do seu chefe, na elevação espiritual dos outros homens, na construção do «Mundo Melhor» por ele tanto pedida. Finalmente também o deve ter consolado aquela atenção com que o mundo inteiro seguiu o decorrer da sua doença: católicos e protestantes, indiferentes e ateus, todo o mundo volveu o olhar pesaroso para o Vaticano quando Pio XII adoeceu; todos seguiram numa angustiosa expectativa o progresso e o retrocesso do mal; e todos à uma pediram ao Senhor que conservasse tão glorioso Pontífice.

O SÁBIO — Para terminar só resta admirar Pio XII como linguísta e como cientista. Quem já teve a dita de o ouvir dirigir-se a uma multidão cosmopolita, verificou que ele em geral se exprime em várias línguas sucessivamente. E com que prazer se escuta Pio XII falando português! Se ele não tem o mesmo dom que o Espírito Santo deu aos Apóstolo no dia de Pentecostes, tem pelo menos o dom de poder exprimir o seu pensamento em nove línguas!

Os sábios e cientistas querem provar que a Igreja não é inimiga da ciência mas antes sua protectora e amparadora. Os seus discursos versam os mais variados temas: condena a tirania da moda e as publicações que atentam contra a moralidade pública; declara os perigos da ciência sem Deus; chama à atenção os responsáveis da televisão para que não sejam instrumentos de ruína de «toda uma construção de pureza, de bondade e de sã educação individual e social»; determina com discursos fulgurantes de verdade a via a seguir no caminho da justiça e da ordem social: é indiscutível que pode e deve admitir-se uma certa desigualdade material entre os homens, mas a «Igreja opõe-se à acumulação dos bens nas mãos dos excessivamente ricos, enquanto muitos estão condenados a um pauperismo e a uma condição económica indignas de seres humanos»; diz aos educadores que tenham cuidado com os botõezinhos que Deus lhes entrega e os guiem sábia e pru-



Crianças e flores sempre se unem em homenagem ao Santo Padre



A criança uma nota de ternura na vida de Pio XII

dentemente a um desabrochar completo do qual todos sintam a fragrância do bem e a beleza do amor; aos psicólogos faz a grave advertência de que há certos métodos de investigação psíquica que jamais serão dignos de aprovação se empregados na pessoa humana; o homem tem pleno direito à sua integridade psíquica; aos médicos diz de quanto valor é a sua acção numa humanidade tão minada pela doença e anima-os a seguir nas suas investigações para que delas receba o mundo algum refrigerio; e assim fala aos biólogos e às parteiras lembrando-lhes as responsabilidades da sua profissão; fala como físico moderno aos representantes da energia nuclear, como desportista apaixonado aos jovens do desporto e como sábio e experimentado pastor àqueles que estão encarregados de conduzir os cordeiros do rebanho que ele superiormente dirige. Todos quantos ouvem os seus discursos ficam convencidos da vasta ciência de Pio XII, da profundidade e extensão do seu saber.

CONCLUSÃO — *Este é nas suas linhas gerais e nos seus traços biográficos aqui rapidamente esboçados aquele sobre quem se aplicam agora as palavras de Jesus: «Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja». Este é o Pontífice que durante 17 anos tem regido com mão firme e rumo certo a barca da Igreja que singra incólume entre todas as tempestades. Este é o Papa que do alto da colina do Vaticano dirige os povos dando-lhes a Lei que a todos trará à «unidade da fé» «para que em breve haja um só rebanho e um só pastor».*

«Que o Senhor o conserve, o vivifique e faça feliz na terra e o não entregue nas mãos dos seus inimigos.»

Roma, 16 de Abril de 1956.

J. P. M. L.

Quem é o Papa?

O Papa é o grande chefe que deve conduzir o povo de Cristo, através do deserto da vida, para a Terra Prometida, para o seio do Pai. O Papa é, como dizia Orígenes, o grande alicerce e a pedra fortíssima sobre a qual assenta a Igreja. Ele é, para a Igreja, o que o centro é para a circunferência: — Nele se concentra e dele emana toda a vida dos filhos de Deus.

O PAPA

*N*ÃO poderíamos encontrar uma razão de ser a este número da nossa revista, se não conhecêssemos perfeitamente o papel do Papa no seio da Igreja, se não soubéssemos que ele é o grande alicerce deste grande edifício, o mestre infalível da nossa Fé, o porteiro do Reino dos Céus, o Supremo Chefe da família dos Filhos de Deus.

Pedro e o Papa são dois nomes inseparáveis. A figura deste ficaria para sempre velada aos nossos olhos, se não tivéssemos um retrato daquele. Felizmente, porém, possuímos um retrato perfeito de Pedro desenhado pelo próprio Cristo, através dos três anos de ministério público, e copiado, depois, pelos Evangelistas, sob o influxo do Divino Espírito Santo.

Vamos examinar dois pontos: primeiro, Jesus constitui Pedro Chefe Supremo do Seu Reino, que deveria estender-se até aos confins da Terra e durar até ao fim do mundo; segundo, Pedro, não podendo viver sempre, deixou o seu múnus ao Bispo de Roma. Assim, já poderemos ficar a saber quem é o Papa e que representa ele para nós, filhos de Deus, membros da Igreja.

I

PEDRO REPRESENTANTE DE CRISTO

QUEM alguma vez leu os Evangelhos, esse código da vida cristã, esse livro que deveria andar nas mãos e no coração de todo o discípulo de Cristo, notou, sem dúvida, o lugar especial que a figura de Pedro ocupa no ambiente que rodeou Cristo, durante a sua vida pública. Logo, desde o seu primeiro encontro, Jesus mudou-lhe o nome, para os Judeus, sinal de que a sua função também ia ser mudada. Na lista dos Apóstolos, é explicitamente chamado «o primeiro»; o Mestre Divino olha para Pedro em todos os grandes marcos da vida pública e Pedro, da sua parte, representa todos os outros junto de Jesus. Foi assim que, na vila marítima de Cafarnaum, após a promessa da Divina Eucaristia e conseqüente debandada da maior parte dos discípulos, é a Pedro que Jesus se dirige para saber a opinião dos doze e é ele quem atesta a fé de todos: «A quem iremos nós? Só tu tens palavras de vida eterna.»

Um dia, junto de Cesarea de Filipe, Jesus pergunta aos doze

apóstolos o que pensava d'Ele o Povo Judeu. A cena desenrolava-se em ambiente familiar e cada um ia dizendo o que ouvira. Por fim Jesus atirou-lhes com esta: «E, vós, quem dizeis vós que eu sou?» E Pedro, em nome de todos: «Tu és o Cristo, o Filho de Deus Vivo!»

Foi então que Jesus pronunciou essas divinas palavras que deviam retinir aos ouvidos de todos os papas: Tu és Pedro, e sobre esta Pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. Dar-te-ei as chaves do reino dos Céus (isto é, da Igreja) e tudo aquilo que determinares sobre a terra será determinado no Céu. (Mt. 16, 18-19).

Com estas simples palavras estava garantido a Pedro, a esse humilde pescador da Galileia, a dignidade de Chefe Supremo da Igreja, a dignidade de Vigário do Filho Unigénito de Deus.

Em S. Mateus, apenas é narrada a promessa: Cristo garante a Pedro que um dia será constituído Chefe Supremo do Reino Messiânico. É S. João quem, no capítulo XXI do seu Evangelho, nos descreve a tomada de posse de tão sublime cargo.

O Mar de Tiberíades servia de fundo ao cenário. Era a primeira vez que o Doce Rabi se dirigia a Pedro, após a tríplice negação da noite trágica de quinta-feira santa. O apóstolo vivia ainda sob o peso do remorso. Caíra. Renegara Aquele que tanto amava e por quem era tão particularmente amado. Ei-lo agora na presença da sua Vítima. Nos olhos húmidos, reflectem-se os raios de um sol primaveril. Permanece mudo, envergonhado, confundido pela sua miséria, pela sua fragilidade.

É o Divino Mestre quem principia a falar:

— Pedro, amas-me tu mais do que estes?

— Sim, Senhor. Vós bem sabeis que eu Vos amo.

— Apascenta os meus cordeiros.

— Pedro, amas-me de facto mais?

— Senhor, se Tu não me conheces... Tu bem sabes como eu Te amo.

— Apascenta, portanto, as minhas ovelhas.

Pedro, vê bem o que dizes, tu amas-Me de facto mais do que estes?

— Ó Senhor, Tu conheces tudo, sabes muito bem que Te amo.

— Apascenta, pois, as minhas ovelhinhas.

Estas palavras: os cordeiros, as ovelhas, as ovelhinhas, na boca de Jesus têm um significado muito especial. Ele dissera-Se, muitas vezes, o Bom Pastor, que não hesitava em dar a vida pelas Suas

ovelhas. Comparara a Sua Igreja a um rebanho único, sob um único Pastor. O sentido era claro: partia para o Pai e deixava Pedro encarregado do Seu rebanho, dos cordeiros e das ovelhas, dos bispos e dos fiéis, da Santa Igreja.

É por isso que, a partir da Ascensão, Pedro se nos apresenta como o Chefe Supremo, ao qual os outros Apóstolos, sem hesitação, obedecem. Ainda antes do Pentecostes, estabelece os requisitos daquele que devia tomar o lugar de Judas, o traidor. No dia da Descida do Espírito Santo, dirige o primeiro discurso ao povo, estando os outros onze presentes, e conduz uns três mil às fontes da Água Viva, à Penitência e ao Baptismo. O episódio de Ananias o de Safira mostra-nos em Pedro o Chefe Supremo e o Juiz da Comunidade Primitiva. Até mesmo nos dons carismáticos, ele ocupa o primeiro lugar: os enfermos postam-se na via pública, a fim de que, passando Pedro, a sombra dele os cure. E, quando Simão Mago pretende comprar o dom de conferir o Espírito Santo e consequentes milagres, não se dirige a mais ninguém, senão a Pedro. É a ele que o Senhor, por meio duma visão em Jope, manda aceitar os pagãos no seio da Igreja, e é ele quem dá ordens a este respeito. O próprio Paulo, muitas vezes, procura confirmar a sua opinião com a autoridade do Grande Chefe.

II

O PAPA E O SUCESSOR DE PEDRO

PARA sabermos quem sucedeu a Pedro no governo de toda a Igreja, na medida do possível, devemos recorrer a testemunhas contemporâneas, àqueles que viram, aos homens da idade apostólica.

Há três de valor capital, as três igrejas, que, então, possuíam maior renome: a de Éfeso, onde pontificou João, o discípulo amado; a de Antioquia, fundada pelo próprio Chefe da Igreja universal e a de Corinto, que se desenvolveu sob o influxo do ardoroso zelo de Paulo. Da opinião da igreja de Éfeso fala-nos S. Policarpo, discípulo e sucessor de S. João, e S. Ireneu, bispo de Leão, mas asiático e discípulo de Policarpo; o glorioso mártir S. Inácio transmite-nos o pensamento da de Antioquia, ele que fora o seu bispo, depois de S. Evódio, sucessor de Pedro; do sentir da igreja de Corinto não é um bispo que fala, mas o modo de agir de todos os fiéis, entre os quais esta-

vam muitos formados pelo próprio Paulo. É uma gloriosa trilogia que nos testifica como, no século primeiro, quer no Oriente, quer no Ocidente, se reconhece um único Chefe de toda a Igreja, o Bispo de Roma.

Policarpo, venerando velho, dirige-se da Ásia a Roma, para obter do bispo desta cidade — como seu superior e superior de todos os bispos em causa — uma autonomia mais larga para decidir a controvérsia levantada em torno da data de celebração da Páscoa.

Ireneu, na famosa obra «Contra os Herejes», não só nos diz que todas as igrejas dependem da de Roma, mas claramente afirma que, para se conhecer a verdadeira doutrina, basta saber-se a opinião da comunidade romana. Estava lá Pedro com a promessa de infabilidade. O Senhor tinha-lhe garantido que toda a decisão tomada por ele, como chefe supremo da Igreja, seria confirmada no Céu, e no Céu não entram falsidades.

Lá pelo ano de noventa, a igreja de Corinto atravessou uma crise terrível: Os Cristãos chegaram a depor as legítimas autoridades eclesiásticas. João vivia não muito longe, em Éfeso. É, porém, o bispo de Roma, Clemente, quem intervém, a fim de estabelecer a ordem, intimando, paternal, mas autoritativamente, os cristãos a obedecerem. E estes não hesitam. Pedro falou: já não há dúvida a respeito da vontade de Deus — obedece-se.

Entretanto, o bispo de Antioquia, Inácio é preso e conduzido a Roma, para o martírio. Durante a viagem, escreve a sete comunidades cristãs. A nenhuma fala dos cuidados que lhe dava o abandono do seu redil, excepto à de Roma, a quem louva a intervenção feita para restabelecer a ordem em Corinto, pedindo, ao mesmo tempo que se não esqueça de ter a mesma solicitude para com o rebanho de Antioquia, agora, deixado ao sabor dos lobos.

Se passássemos a examinar os documentos do século II, encontrar-nos-íamos na presença de uma riquíssima e eloquente documentação. Bastava historiar a segunda controvérsia pascal, desencadeada lá pelo ano de 290, para vermos que o papa, Victor, é o árbitro supremo a quem todos os bispos obedecem, ainda que suportando enormes sacrifícios. Justino, o grande apologeta, e Taciano, seu discípulo, apresentam-nos sempre Roma como o centro da vida, da verdade e da unidade católicas. E um bispo da Frígia, Abércio, manda gravar no seu epitáfio, que hoje se encontra nos museus lateranenses, o nome dos grandes amores que o orientaram através da vida:

— «A Eucaristia e Roma, a Rainha da ordem eclesiástica». (Gaetani: «La Chiesa»).

Qual foi o motivo que levou todos os cristãos a reconhecerem e a venerarem, no bispo de Roma, o seu Chefe Supremo? Certamente, não foi a importância política da Cidade dos Césares, esses terríveis perseguidores da Igreja de Cristo. Humanamente falando, seria de máxima conveniência retirar de lá o centro vital de todo o Cristianismo, pois estava lá acampado o centro da perseguição. Além disso, a importância política nada tem a ver com a importância religiosa, principalmente, tratando-se de duas potências adversas.

A única razão da primazia romana foi a sucessão do Chefe da Igreja: de Pedro, passou aos bispos de Roma. De facto, os mais antigos católicos dos bispos romanos — e remontam ao século segundo — colocam Pedro em primeiro lugar.

Apenas Cristo recebeu a missão de salvar a Humanidade, apenas Ele e só Ele pode transformar os filhos de Adão em filhos adoptivos de Deus. Porém, quis fazê-lo por meio de um instrumento — a Igreja. Toda a sociedade, sob pena de aniquilamento, precisa dum Chefe Supremo. No caso da Igreja, o verdadeiro chefe é Cristo e só Cristo. Porém, sendo os Homens constituídos de alma e de corpo, precisavam de um chefe visível. Foi por isso que Jesus, antes de subir ao Céu, deixou alguém a representá-lo visivelmente, Esse alguém é Pedro, é o Papa.

E. J. A.

INSTANTÂNEO...

ATRASADO POR CAUSA DE... UMA BONECA

*U*M dia, em que o esperava um grupo de professores para uma audiência, o Santo Padre chegou atrasado, atraso este que não passou despercebido, dada a sua pontualidade habitual; e, caso curioso, entrou na sala com uma boneca nas mãos.

Na sala contígua tinha ele recebido um grupo de órfãs. Num dado momento, uma das crianças, fugindo à vigilância das Religiosas e não temendo infringir o protocolo, adiantou-se com a sua boneca nos braços e veio oferecer-lha ao Santo Padre. Este, encantado com tanta simplicidade, entabou longa conversa com a criança, esquecendo o tempo e os horários. Quando entrou na sala, onde o esperavam os professores, ia atrasado.

A criança, uma nota de ternura, no Pontificado de Pio XII, o Pastor Angélico.

O DIA DO PAPA

— DIA CONSAGRADO À IGREJA UNIVERSAL

ALI na Roma eterna, na colina bendita do Vaticano, santificada pela presença de Pedro, vive um homem de 80 anos! Dia após dia, tanto de inverno como de verão (estranha rigidez!), segue sempre a mesma norma, o mesmo regulamento. Chamam-lhe: «prisioneiro voluntário», «príncipe da Paz», «defensor da cidade» ...enfim, uma quantidade de apelidos, variados na forma, unidos, porém, no mesmo alto significado.

É que no Santo Padre Pio XII, por trás daquela batina branca — símbolo da pureza e da inocência — para além daquele aspecto exterior de bondade e magestade, algo mais se esconde. Esconde-se, é certo, a dignidade de Supremo Pastor da Igreja, mas, mais que isso, esconde-se uma vida dada por inteiro a este múnus. São 17 anos de dom de Si mesmo, da própria vida.

Este é o grande dom do Papa, à salvação da grande família humana. Este é o dom por excelência. É o eco das palavras colhidas pelo discípulo amado da boca de Cristo: «ninguém tem maior amor que o daquele que dá a própria vida por seus amigos». São 17 anos dedicados íntegra e totalmente à condução da Barca de Pedro. E de que modo sublime! 17 anos, tantos dias deles feitos de sofrimentos e dores. E de que modo difícil! Basta recordar a figura augusta de Pio XII, no meio de multidões amedrontadas, feridas pela guerra... Aquele sangue inocente salpicou a veste cândida do Papa e fez-lhe brotar lágrimas e rasgou-lhe o coração de Pai.

Louvar, tecer elogios a esta vida é supérfluo; conhecê-la para amá-la é dever.

E que dizer dos nossos dias? Olhemos para o dia do Santo Padre, dia simples e grandioso. Nele veremos o Sucessor de Pedro em união íntima com Deus por uma oração jamais interrompida; o Doutor Supremo da Igreja universal levantando a sua voz de paladino da Paz e da justiça social; «o doce Cristo da Terra» em contacto com a multidão dos fiéis encorajando e exortando, abençoando e participando dos sofrimentos da humanidade.

Quem não vê que tudo isto lhe dá jus a um lugar especial na

nossa vida? Quem não sente a obrigação de retribuir ao Santo Padre algo daquilo que dele recebemos? Só quem não conhece a sua vida... Ei-la aí resumida no ritmo de um dia...

COMO trabalhador laborioso, o Santo Padre levanta-se cedo — às 6 horas e 15. Ele mesmo se prepara, não esquecendo o quarto de hora de ginástica matutina, e barbeando-se com um aparelho eléctrico. Por volta das 7 horas entra na Capela privada. A luz entra a medo neste ambiente de paz, atravessando a pomba e o ramo de oliveira colorido nos vitrais. Ao lado do harmonioso altar um relicário guarda um fragmento do corpo de S. Pio X, elevado às honras dos altares por Pio XII. Nas paredes laterais destacam-se lindos quadros da Via Sacra, gravados em madeira. É notório o carácter Mariano da pequena Capela. Domina-a uma linda imagem de Maria colocada na parede da esquerda. Perto um outro relicário de um dos maiores devotos e apóstolos de Maria — S. Luís M. Grignon de Montfort.

Vai começar o Santo Sacrifício da Missa. A linda capela torna-se, neste momento, mais do que nunca, o coração da Igreja. A assistência é reduzidíssima, porém, diante do Papa passa uma multidão de crentes e não crentes, oferecidos todos com a Vítima Divina ao Eterno Pai. Para uns Ele pede o aumento e conservação da vida cristã, para outros a graça da conversão e ingresso no redil de Cristo de que Ele foi constituído Pastor. E, por vezes, quanto simbolismo nesta Missa! Ainda há poucos dias um grupo de doentes veio oferecer ao Santo Padre uma hóstia (dom singelo mas expressivo!) para com ela celebrar pelos doentes do mundo inteiro. Terminada a Santa Missa o Santo Padre permanece sòzinho em prolongada acção de graças.

Às 8,20 horas chamam o Papa para o pequeno almoço. Poucos momentos depois ei-lo no ascensor que o conduz do 3.º ao 2.º andar. Entra na biblioteca privada e folheia atentamente alguns jornais. Com as 9 horas começa o trabalho mais extenuante. Recebe os Monsenhores Dell'Acqua e Tardini e deles ouve o relato pormenorizado dos acontecimentos e questões importantes, relativos à vida da Igreja no mundo.

Não raro esta entrevista se prolonga por 2 horas. Ora são motivos de alegria, ora causas de dor e sofrimento. Imaginemos os anseios do Papa ao ver uma parte da Igreja perseguida, e o misto



AS 51
PIO XII dalla finestra della Sua Camera
saluta i pellegrini

Todos os dias, ao meio-dia, o Santo Padre dá a Bênção, da janela do seu «estúdio» do 3.º andar, à multidão que se aglomera na Praça de S. Pedro; Bênção que é augúrio de Paz na justiça e caridade cristãs. Na foto o Santo Padre responde às aclamações da multidão.



Páscoa de 1956!

Praça de S. Pedro a transbordar de gente do universo inteiro e dominada pela figura e bênção de Pio XII: símbolo esplendoroso do «Papa de toda a Igreja», a que são chamados todos os homens de boa vontade, e fora da qual não há salvação nem para os indivíduos nem para os povos.



Guerra... 19 de Julho de 1943... Roma bombardeada! Pio XII deixa o Vaticano e apresenta-se a todos os seus filhos, nessa hora de dor, para os consolar e lhes levar a sua bênção paternal, bênção do Pai dos Céus!

de dor e alegria ao saber que tantos filhos seus confessam firmemente a Fé, debelam o erro até ao martírio. Nestes momentos o Papa torna-se mártir com a Igreja-mártir.

Aproxima-se a vez dos cardeais secretários das Congregações romanas. Eles vêm expor graves assuntos, confiar difíceis problemas, para os quais é necessária uma solução sábia e prudente.

Esta ordem é por vezes quebrada. Ora é um chefe de estado, ora um representante de um governo, mais frequentemente são Bispos vindos de todas as partes do mundo que vêm confidenciar ao Supremo Bispo da Igreja os seus trabalhos e dificuldades.

Outras vezes é uma cerimónia na Basílica de S. Pedro que ocupa uma parte da manhã do Papa. Ele lá vem. Figura veneranda. Uma multidão enorme o aclama. São palmas e gritos, lenços e mãos a acenar. Num gesto de ternura, com uma bênção de Pai a todos responde. E quantas lágrimas se não vêm!

Ao meio dia o Santo Padre aparece à janela do seu Estúdio no 3.º andar. Centenas de pessoas o aclamam e depois respeitosa-mente ajoelham para receber a bênção.

De novo começam as audiências dedicadas estas, aos fiéis de todo o mundo, de todas as raças e cores. As imponentes salas do Vaticano presenciavam espectáculos incomparáveis de cenas comovedoras. Recordo, por exemplo, um campeão mundial de desporto, habituado a vencer perante multidões. Recebido pelo Santo Padre não pôde articular palavra nem tão pouco responder às perguntas que Ele afectuosamente lhe fazia. As lágrimas silenciosas que lhe inundavam o rosto impediram-lhe a fala.

Acabadas as audiências às 13 ou 13,30, o Santo Padre extenuadíssimo, entra na sala de jantar, pequena e simples e recebendo luz por uma janela voltada para a Praça de S. Pedro.

Testemunha de vários papas, é-o também de costumes variados. Aqui S. Pio X tomava as refeições com o seu secretário; Bento XV com uma sua irmã; Pio XI completamente isolado; Pio XII faz de modo diferente. Tem na sala um rádio, muitas flores frescas e 4 gaiolas com canários cantores. São eles a única companhia do Papa durante a refeição. Sem atenderem a cerimónias entoam cânticos maravilhosos e saltitam por toda a parte, sobre o ombro, sobre a mão do St.º Padre...

Como o «poverello» de Assis, Pio XII ama a natureza. Delicia-se com os cantos destes passarinhos, que não raro se fazem ouvir ao telefone, quando Ele fala a algum dos directos colabora-

dores. Com o fim da refeição termina-lhes a liberdade. O Santo Padre os toma e os encerra nas suas moradas.

Em seguida o Santo Padre vê meticulosamente alguma correspondência. Repousa durante 20 minutos e às 14 horas e 30 entra no Seu Cadillac preto (oferta dos católicos americanos) e começa o passeio habitual. Em breve deixa o automóvel para caminhar a pé. Quando chove passeia no recinto coberto, quando o tempo está bom percorre as ruas dos jardins, parando por vezes diante de uma capelinha ou uma gruta. Caminha velozmente, lendo ou elaborando algum discurso. Afinal, o trabalho continua, com a diferença única — agora trabalha ao ar livre.

Passada uma hora exacta (tão exacta que no Vaticano dizem poder-se acertar o relógio pela entrada ou pela saída do Papa), volta ao Seu gabinete particular onde trabalha a tarde inteira.

Esta solidão em que decorre a tarde do Santo Padre é quebrada às 20 horas, recebendo então, dois altos funcionários do Vaticano para comunicados especiais. Segue-se a ligeira ceia. Durante ela encontra-se completamente só, pois os passarinhos já dormem.

Às 21,30 horas o Santo Padre reza o terço na Capela privada com os seus familiares. Permanece só para acabar a recitação do Breviário e outras orações. O colóquio com o Mestre Divino que as ocupações diárias não interromperam, continua pela noite adiante.

Finalmente volta ao Seu «Estúdio» particular. E aquela janela do 3.º andar, donde o Papa tantas vezes abençoa a multidão, deixa ver alguns dos raios da luz que iluminam o Papa. A vigília prolonga-se pela noite fora.

Quando, às 2 horas da manhã, a luz se apaga, no céu da Igreja se acende nova luz, na coroa do Papa se engasta nova jóia, porque o Supremo Pastor da Igreja acaba mais um dia — dia consagrado à salvação da Igreja Universal.

S.

O Rosário é o breviário de todo o Evangelho, meditação dos mistérios do Senhor, sacrifício vespertino, grinalda de rosas, hino de louvor, oração das famílias, norma de vida cristã, garantia certa do poder divino, apoio e defesa da nossa esperada salvação.

PIO XII, 31-VII-46

O PAPA DA JUVENTUDE

COMO no seio do nosso movimento, também no coração do Sumo Pontífice, a gente nova tem um lugar à parte; e em ambos pelo mesmo motivo: os novos no viver intenso da sua mocidade, trazem consigo, a promessa dum bom ou mau futuro. Esta promessa, trazem-na consigo, uns consciente, outros inconscientemente e por isso na história das relações de Pio XII com os novos há duas notas carecterísticas, mas muito distintas que certamente muito grato será aos nossos corações recordar.

UMA NOTA DE TERNURA

É ternura, é o carinho de um pai todo bondade, o que ele mais dá às crianças. Recebe-as frequentemente, compraz-se em vê-las jogar e não é raro vê-lo fazer um esforço para do alto da sédea gestatória, acariciar as que as mães erguem nos braços a pedirem uma bênção especial.

Esta nota de ternura é composta de um misto de preocupação e de sentido de beleza; é este o gosto pelo belo que o faz amar as crianças, como gosta das flores e das avezinhas que embelezam constantemente os seus aposentos privados tanto do Vaticano como de Castelgandolfo. A voz das crianças e o perfume da sua inocência, aliados à sua fragilidade, têm os mesmos encantos que o perfume das flores e os cantos das avezinhas.

Mas a ternura do Santo Padre pelas crianças, mais que do sentido de beleza, é o fruto das preocupações que lhe merecem; é esta preocupação que faz sair do mais profundo do seu ser esta exclamação: **«Ó pais e mães, a quem a fé de Cristo santificou o recíproco amor, preparai, já antes do nascimento do vosso filho, a candura da atmosfera familiar, em que os seus olhos e a sua alma se abrirão à luz e à vida; atmosfera que imprimirá o bom odor de Cristo sobre todos os passos do seu progresso moral.**

MÃES, SEDE ANJOS! EDUCADORES, SEDE MÃES!

Após o nascimento, vêm os primeiros passos na vida e o Sumo Pontífice continua a manifestar toda a ternura e inquietação que lhe vai na alma: **«Vós ó mães que, porque mais sensíveis e também mais ternamente amadas, durante a infância dos vossos meninos deveis segui-los a todo o momento com o vosso olhar vigilante e vigiar sobre o crescimento e a saúde dos seus pequenos corpos, porque é carne da vossa carne e fruto das vossas entranhas. Pensai que esses meninos, pelo Baptismo feitos filhos de Deus por adopção, são os predilectos de Cristo e que os seus anjos vêem sempre a face do Pai celeste: também vós, ao guardá-los ao sustentá-los, ao educá-los, deveis ser outros tantos anjos que no vosso cuidado e vigilância olhais sempre o céu».**

Na sua dedicação à infância o Santo Padre não chama só os pais às suas responsabilidades. Os educadores merecem também os seus cuidados e assim poderíamos ouvi-lo repetir em muitas outras circunstâncias, estas palavras dirigidas a religiosas e professoras que, **«não são mães pelo sangue da natureza, mas pelo impulso do amor para a primeira idade, tão dilecta a Cristo e à sua Esposa, a Igreja. Sim; também vós, que vos fazeis educadoras ao lado das mães cristãs, sois mães, porque tendes um coração de mãe e nele palpita a chama da caridade que o Espírito Santo difunde nos vossos corações».**

PAI BONDOSO

Poderíamos continuar por muitas páginas a citar palavras de Sua Santidade em que mostra o muito carinho e preocupação que lhe merece a infância, mas salientemos apenas dois pormenores.

O primeiro é a confiança que tem nas orações das crianças. Frequentemente durante a guerra ele lhes pedia que rezassem pela paz, a todos recomendava que fizessem as crianças rezar pela paz. Por isso pudemos ouvir em 31/X/42, estas palavras dirigidas pela rádio aos Portugueses:

«As paradas infantis da cruzada eucarística, em que as criancinhas tão mimosas de Jesus, com a confiança filial da inocência podiam protestar à Mãe de Deus que «tinham feito tudo quanto Ele pedira: orações, comunhões, sacrifícios... aos milhares!» Por isso suplicavam: «Nossa Senhora de Fátima, agora é só convosco; dizei ao Vosso divino Filho uma só palavra, e o mundo será salvo e Portugal livre inteiramente do flagelo da guerra».

O outro pormenor diz respeito à dor que rasgava a alma de Pio XII, quando em plena guerra pensava nas criancinhas mártires do flagelo:

«Nós os abraçamos e os abençoamos, a esses pequeninos, com tão maior afecto quanto as nossas possibilidades de socorro são desproporcionadas às suas necessidades; e uma vez mais temos confiança que os poderosos farão honra às boas tradições da verdadeira civilização, não permitindo que a infância dos países beligerantes, ou de qualquer modo atingidos pela guerra, suporte um não merecido sofrimento em tão calamitosas vicissitudes. Por nossa parte, portanto, como já outras vezes convidámos à oração os meninos e cristãos, assim hoje queremos exortá-los a recordarem-se dos seus irmãozinhos sem pão, sem roupa, sem família».

E Sua Santidade continua no mesmo tom comovente esta carta escrita ao Card. Maglione.

A criança, uma nota de ternura na vida de Pio XII. Ela traz consigo a promessa do futuro, mas inconscientemente é por isso o Santo Padre, dando-lhe a ela apenas carinhos e bombons, chama a atenção dos pais e educadores para as suas responsabilidades.

A MENINA DOS MEUS OLHOS

Com a juventude já age doutra maneira muito diferente. Sem deixar de falar aos responsáveis, ele fala-lhe directamente apontando-lhe o caminho; é que a juventude traz consigo a promessa do futuro mas conscientemente. Enquanto na história das relações de Sua Santidade com as criancinhas, há uma nota de ternura, na história das suas relações com os jovens essa nota é mais severa, é uma nota de alerta em que lhes aponta o futuro para que se devem preparar no presente e de cuja preparação eles são os principais obreiros.

Do quanto lhe é cara a juventude são testemunhos os seus muitos discursos tanto aos jovens como aos educadores. À juventude chama ele mais de uma vez «a menina dos seus olhos». A seu respeito poderíamos aplicar as mesmas palavras que ele teve um dia, ainda cardeal, a respeito do seu antecessor:

«No devotamento de S. S. Pio XI à juventude, eu vejo o símbolo e o efeito da compreensão, da confiança e do amor que a Igreja de Cristo sempre testemunhou à juventude, e que na sua maternidade plena de solícitude, na sua missão sagrada de educadora, ela mostra nos nossos dias mais do que nunca.

«...No turbilhão de erros, a Igreja lutará com um devotamento absoluto pelas almas da juventude»...

EDUCAR, A PRIMEIRA DAS MISSÕES

Nesta luta a educação é a única garantia de vitória. Tal o sentir do Sumo Pontífice quando nos pergunta:

«Que há de mais transcendente na vida da humanidade do que a educação?» E explica: **«A criança ou o adolescente, como já se disse e muito justamente, é «uma esperança», esperança cheia de promessas para a família, para a pátria, para toda a sociedade humana, mas ao mesmo tempo esperança preciosa para a Igreja, para o Céu, para o próprio Deus, à imagem e à semelhança de quem, ele foi feito, de quem é ou deve ser filho. Para que esta esperança não engane, mas se realize plenamente, é preciso educá-lo e educá-lo bem.»**

Mas educá-lo como? Dar-lhe apenas uma barata erudição livresca, dar-lhe uma formatura com que possa triunfar na vida? Educá-lo como? O Santo Padre nos aponta os moldes desta educação:

«Educação física que fortifica as energias do corpo, educação intelectual que desenvolve e enriquece os recursos do espírito, educação moral e religiosa que ilumina e guia a inteligência, que forma e fortifica a vontade, que disciplina e santifica os costumes e dá assim à imagem de Deus uma semelhança com o protótipo divino que a torna digna de figurar nos palácios eternos».

A educação deve ser, portanto, física, intelectual e moral, atingindo assim profundamente todo o homem, de maneira a construir uma obra duradoira:

«Se o jovem, terminada a sua educação, não recebeu uma formação sólida, se esta imagem de Deus é esculpida numa matéria mole e inconsistente, é impossível, que, submetida às pressões opostas, acometida de tantos choques não se encontre cedo completamente deformada».

Solidez, eis a principal característica desta educação:

«É preciso que a vossa educação lhe dê a solidez do bronze ou do granito das vossas montanhas, e então os embates ininterruptos e os choques inevitáveis da vida moderna, longe de a deformar, servirão para o cultivar e o aperfeiçoar e ele aparecerá um homem cada vez mais perfeito e talvez um santo que se poderá colocar sobre os altares (Vieira, Sermões).

O CAMINHO A SEGUIR

Depois de termos meditado em alguns dos muitos conselhos do Santo Padre aos educadores, escutemo-lo dirigindo-se aos próprios jovens; é conscientemente que eles são «uma esperança cheia de promessas» e por isso Sua Santidade aponta-lhes pessoalmente as suas obrigações:

«Vós sois o futuro», não se cansa de lhes repetir.

Mas futuro para que têm obrigação de se preparar:

«A palavra de ordem desta hora, — dizia um dia à juventude alemã — é de não se relaxar e de não dobrar, mas ser inquebrantável, fiel aos mandamentos de Deus e aos costumes cristãos como nos melhores e mais duros momentos que a Igreja tenha conhecido. Só a juventude que pensa e age assim poderá um dia edificar uma vida conjugal e familiar, feliz e humana; só uma tal juventude pode um dia pretender subir os degraus do altar e se consagrar desinteressadamente ao serviço do Senhor. Não se vai ao assalto do céu com pusilanimidade; não se ganha senão com coragem e espírito de sacrifício.»

Mas este espírito de sacrifício e esta coragem, que nos fazem ser fiéis aos mandamentos de Deus e aos costumes cristãos, correriam o risco de esmorecerem

se nos sentíssemos sós. Neste sentido poderíamos aplicar ao nosso Movimento as palavras de Suas Santidades à JOCF italiana:

«A sensação de estar só na luta pela causa de Jesus Cristo ou de qualquer maneira ter contra si um número esmagador de inimigos é amarga e diminui facilmente a confiança. Imaginai (ou lembrai-vos) a condição de uma rapariga pura, aprumada, piedosa, como que submergida por um mar de hostilidade ou indiferença, que no «atelier», na fábrica ou no escritório, indo e vindo durante dias, meses e anos, deve viver só como um cordeiro no meio dos lobos, sem apoio nem ajuda, e, não obstante tudo isto, conserve a sua fé, a sua piedade, a sua virtude. Quantas teriam a coragem de perseverar indefinidamente? Mas se algumas jovens desta tèmpera, se unissem num pequeno grupo fiel, pelo seu zelo de apostolado, elas atrairiam muitas outras até aí demasiado tímidas, e cada uma se sentiria mais segura e mais bríosa. Aumentando assim o número, elas tornam-se uma força com que os próprios adversários têm de contar...»

MAIS E MELHOR

A união faz a força, é certo, mas não julquemos que o Santo Padre põe acima de tudo o mais, o número dos membros de uma associação; não:

«Mas o que importa antes de mais nada é que vós tenhais progredido igualmente no que diz respeito ao espírito interior» — dizia S. Santidade às mesmas raparigas.

O progresso na vida interior é uma das notas em que mais insiste quando fala aos jovens; é o desejo deste progresso que o fez dizer aos estudantes católicos da Sorbona:

«Permaneçei homens de oração, de uma oração quotidiana, pessoal e fervente; bebei nas fontes da graça dos sacramentos, sobretudo da santíssima Eucaristia. Já vo-lo têm repetido muitas vezes. No entanto, Nós não podemos impedir-Nos de o sublinhar porque é fundamental.»

CRISTÃOS CEM POR CEM

Pio XII gosta também de insistir na necessidade que temos de sermos cristãos cem por cem; cristãos em toda a parte, em todo o lugar e em todas as circunstâncias:

«Caminhai diante de Deus, vivei em conformidade com a vossa fé, — isto não somente nos estreitos limites das horas de certos officios religiosos bem determinados. A separação da religião e da vida — como se para a realidade da vida, a profissão, os negócios e todo o domínio público, Deus não existisse — esta separação é precisamente um dos sinais da decadência do sentido cristão; ela é ao mesmo tempo causa e efeito da laicisação do homem todo. Vós deveis proteger-vos contra esta desagregação. Sede, portanto, cristãos que sempre e em toda a parte sabem que estão na presença de Deus, tanto nos dias de semana como ao domingo, na oficina como na igreja, nas diversões e no desporto como no trabalho sério, na vida agitada do exterior como na família e no lar.»

ARAUTOS DE CRISTO

Se assim fizermos, cumprimos o desejo do Santo Padre e a nossa obrigação de sermos arautos, testemunhos vivos de Cristo. Era o que ele exigia à juventude feminina da AC espanhola:

«Avante com a vossa piedade. Por vezes, parece-nos que o fim mais característico da vossa vocação consiste em levar a toda a parte com o simpático espírito expansivo que vós sabeis encontrar quando é necessário, esta atmosfera de espiritualidade, de sentido religioso, de simples e natural devoção que o sopro laico dos nossos dias quereria perfidamente escorraçar do lar, do «atelier», da fábrica, dos lugares de repouso e relegar, fechar a sete chaves na penumbra da sacristia... Não, «omnia et in omnibus Christus, Cristo é tudo em todos» (Col. 3,11), Cristo presente em toda a parte. E se nos perguntais como o levareis, Nós vos responderemos que será principalmente com a vossa modéstia cristã. Sem hipocrisia nem pusilanimidade, com uma alma forte e decidida, impõe, onde quer que seja, o bom tom da vossa reserva e do vosso pudor, exteriorização natural da vossa piedade».

FÉ E PUREZA

Levar-nos-ia longe o desejo de apontar aqui todos os conselhos dados pelo Santo Padre à juventude. Na impossibilidade de o fazermos limitamo-nos a dois pormenores — a fé e a pureza da juventude.

Oração e intrepidez, tais são as grandes características que S. Santidade exige da nossa fé. Ele o exprimiu num discurso aos congressistas da Federação Mundial das Juventudes Católicas Femininas:

«A fé da juventude deve ser uma fé orante. A juventude deve aprender a rezar; que o seja sempre na medida e na forma que respondem à sua idade. Mas sempre, tendo consciência que sem a oração não é possível permanecer fiel à fé.

E mais adiante:

«A juventude deve sentir-se altiva da sua fé a aceitar que ela lhe custe alguma coisa; deve desde a primeira infância, habituar-se a fazer sacrifícios pela sua fé, a caminhar diante de Deus com rectidão de consciência, a reverenciar o que Ele ordena.»

Ao lado da fé há uma outra virtude que sofre na idade juvenil os maiores embates — é a pureza.

Com não ser a maior das virtudes, é no entanto a que brilha nos jovens com maior fulgor; só com a santa virtude da pureza, podem ter um olhar claro, uma alegria serena a irradiar da sua fronte. Ela é o penhor de toda a vida da nossa alma, é ela a condição única da liberdade dos filhos de Deus, em que a alma se não deixa escravizar pela matéria. Foi esta absoluta necessidade da pureza na alma dos jovens que fez sair do mais profundo da alma de Pio XII esta veemente apostrofe, no dia da canonização de S. Maria Goretti:

«Ó jovens muito amados, pupilas dos olhos de Jesus e dos Nossos, dizei, estais vós bem decididos a resistir firmemente com o auxílio da graça divina, a todo o atentado que os outros poderiam fazer à vossa pureza?»

Para que possamos responder afirmativamente por palavras e acções temos de, a exemplo de Maria Goretti cultivar, além da pureza, as outras flores que são as demais virtudes cristãs; não se pode ser puro se não se é caridoso, se não se ama a oração e a Eucaristia — Pureza e Eucaristia, são símbolos uma da outra. Essas flores que Maria Goretti cultivava com a da pureza até ao heroísmo supremo eram **«o domínio perfeito da alma sobre a matéria, o amor terno e dócil, obediente e activo para com os seus pais; o sacrifício no duro trabalho de cada dia; a pobreza aceite com espírito evangélico e suportada com confiança na Providência**

celeste; a religião resolutamente abraçada e cujo conhecimento era aprofundado cada vez mais de dia para dia, tornando-se o tesouro da sua vida e alimentando-se da chama da oração; o desejo ardente da Eucaristia e, enfim, digno coroamento da caridade, o heróico perdão concedido ao assassino.»

SOMOS LEGIÃO

Só vivendo à semelhança de Maria Goretti, a nossa vida intensa de cristãos, é que «**poderemos marchar sobre os caminhos da vida na serenidade e na alegria dos corações puros**»; e não marchamos sózinhos, é o Santo Padre quem no-lo assegura: «**Há portanto neste mundo aparentemente transtornado e mergulhado no amor do prazer, não somente uma pequena legião de eleitos sequiosos de céu e de ar puro, mas imensas multidões, sobre as quais o perfume sobrenatural da pureza celeste exerce uma atracção irresistível e cheia de promessas, prometedora e tranquilizadora.**»

O nosso Movimento, como tantos outros, vem confirmar estas palavras de Sua Santidade proclamando querer seguir nas pisadas de S. Maria Goretti, até ao martírio se preciso for, e dar-nos oportunidade de marchar sobre o caminho apontado por Pio XII, cerrando fileiras, para sermos mais e melhores.

Se soubermos responder perfeitamente ao que ele nos pede, amanhã alguém dirá de nós, a juventude de hoje, o que ele dizia à JOC em 1950:

«**Se nos voltamos para o passado um reconfortante espectáculo se oferece aos nossos olhos. Tantos padres religiosos e religiosas saídos das vossas fileiras e dados à Igreja; milhões de lares operários cristãos com a sua coroa de espírito, à frente de poderosas organizações operárias, e até entre os homens do governo; uma juventude, enfim, preparada a renovar o seu compromisso de apostolado ao serviço dos seus irmãos e irmãs...**»

O MODELO

Pio XII, não se cansa de chamar a atenção da juventude para as suas responsabilidades, num constante alerta. Mas há em Sua Santidade uma outra faceta que talvez seja das mais queridas da gente moça. É a juventude do seu espírito, que mau grado o peso dos anos, o faz ser o Papa da hora presente. Creio bem que não é ele quem chora o presente olhando o passado repetindo aquela frase tão grata a muitos educadores, mas tão enervante para a juventude: «no meu tempo as coisas eram outras...» Não; para Pio XII o seu tempo é o dia de hoje, é o momento presente, que sabe viver como se fora jovem. É por isso que cada problema encontra nos seus discursos a solução adequada, e não tem medo de tomar posições que por vezes um tradicionalismo velho e moribundo desaconselharia. Sob este aspecto muito haveria que contar, mas é tempo de pôr ponto final a esta série de considerações. Pio XII pode ser modelo da juventude, pelo bem que soube viver a sua: preparando-se para o futuro, vivia intensamente a sua mocidade presente. Mas pode sê-lo também no resto da sua vida, pela juventude do seu espírito. E, talvez ainda nos nossos dias, quando algum jovem cansado de ler «livros sobre as almas do Purgatório, vida de santos anacoretas e sei lá o que mais» pedir «um livro de leitura espiritual sobre um santo moderno, moderninho como ele» nós lhe indicaremos a vida de Pio XII.



O Santo Padre começa o seu passeio diário, fazendo um pequeno percurso em automóvel...



3-76. S. S. PIO XII nos jardins

(da foto Giordani)

...depois caminha, sozinho, através das avenidas dos lindos jardins do Vaticano. Este repouso ao ar livre dar-lhe-á novas forças para suportar o peso do dia.

PIO XII, O PONTIFICE DA PAZ E DA CARIDADE

A figura de Pio XII aparece à Humanidade aureolada de virtudes e predicados tais que atraem o olhar e a admiração de todos, cristãos e não cristãos. Qualquer coisa de sobre-humano se manifesta na sua pessoa. Para nós, seus filhos dilectos e devotados, essa auréola, além de ter a sua explicação, apresenta, ainda, um brilho muito especial: nós vemos no Papa que nos governa, em virtude da sua função, a figura mesma de Cristo.

De todas essas virtudes duas há, todavia, que, dadas as circunstâncias especiais do tempo em que vivemos e em que se desenrolou o pontificado de Pio XII, mais transparecem na sua pessoa e com mais insistência atraem a atenção das gentes, — o seu amor e dedicação à causa da Paz e a sua Caridade para com todos.

Foi a 2 de Março de 1939 que Pio XII, até esse momento conhecido pelo nome célebre de Cardeal Eugénio Pacelli, foi chamado, por inspiração do Divino Espírito Santo, a dirigir o rebanho de Cristo — a Igreja de Deus.

Antevia-se difícil o seu pontificado. Sob o céu da Europa acumulavam-se já nuvens densas que faziam prever tremenda tempestade — a grande guerra de 1939-1945. Dos esforços mais que humanos empregados pelo S. Padre, em vistas de preservar o mundo desse terrível cataclismo, que a Ele se afigurava, já, triste realidade, far-nos-á menção a História e pode fazer deles uma ideia quem se quiser dar ao trabalho de ler a longa série de discursos, cartas, mensagens, alocuções e telegramas, frutos do seu primeiro ano de pontificado. Não foi sem uma especial protecção da divina providência que, no dia 27 de Agosto daquele mesmo ano, já nas vésperas do desencandear da grande conflagração mundial, Pio XII enviou, pela rádio, uma mensagem aos dirigentes dos povos em causa, para lhes chamar a atenção para o grande perigo de que eles se tornavam responsáveis. É um apelo em favor da Paz e dos princípios que a baseiam.

«É com a força da razão — diz — e não com armas que se prepara o caminho da justiça. E os impérios não fundados sobre a justiça não são abençoados por Deus. A política emancipada da moral atraiçoa aqueles mesmos que assim a querem». E com voz de profecia que, infelizmente, o tempo se encarregou de revelar, continua: «...O perigo está iminente, mas ainda é tempo. Nada se perde com a Paz. Tudo se pode perder com a guerra. Voltem os homens a compreender-se. Retomem as conversações.»

Infelizmente, todos sabem como se fecharam os ouvidos à voz do Pai dos Fieis e Mestre da Verdade. Por isso mesmo, também não são de estranhar as consequências desastrosas: logo nos primeiros dias de Setembro rebentava a tremenda guerra de 6 anos, que pouco a pouco se foi alastrando até vir a ser a maior guerra que jamais viu a humanidade, guerra intercontinental.

Ferido no seu amor de Pai, Pio XII, cópia exacta de Jesus Cristo, continua a fazer ouvir, a cada passo, a sua voz magoada em favor da mesma Paz. Ele vive na consciência de que só a Igreja, e Ele como seu Chefe visível, tem o poder e o dever de apontar aos homens o recto caminho da Verdade e de guardar de toda a espécie de corrupção a Lei Divina, natural e sobrenatural. Esta incumbência recebeu-a a Igreja directamente de Deus e por missão de Jesus Cristo.

Os homens porém não Ô querem ouvir. A guerra continua a devastar povos e a fazer vítimas. Ele, o Papa, não se cansa de proclamar os direitos da justiça e da Verdade e com redobrada insistência pede a Paz. Mas os homens não Lha dão. Ele, então, chora as vítimas, as pobres vítimas, tantas e inocentes, do terrível flagelo. No silêncio dos seus aposentos eleva as suas preces ao Senhor, pedindo misericórdia para o mundo. O Papa a rezar pela Paz! Com enternecida dor a nossa memória retrocede alguns anos atrás a recordar aquela visão da pequenina Jacinta, a grande apóstola do Coração I. de Maria: «Vi o Santo Padre numa casa muito grande, de joelhos diante duma mesa com as mãos na cara a chorar; fora da casa estava muita gente e uns atiravam-lhe pedras, outros rogavam-lhe pragas e diziam-lhe muitas palavras feias. Coitadinho do Santo Padre, temos de pedir muito por Ele.» Não teremos nós, agora, a realização de tal visão?

Mas não é tudo. Os homens não respeitam os direitos da Justiça; o Papa, então, vai aplacar o Senhor e a Justiça ofendida, pondo à prova a sua Caridade sem limites: «Caridade de pão, de dinheiro, de lágrimas enxugadas, de vidas salvas, de derradeiras horas de condenados à morte tornadas menos angustiosas... Em que não pensou a caridade do Papa nesses anos tão trágicos da guerra!»

E não podemos deixar sem uma menção especial a atitude de Pio XII a quando do bombardeamento de Roma. Sim, porque, afinal, nem Roma, a sede do «Príncipe da Paz», foi poupada! O Santo Padre abandona o Vaticano e dirige-se às regiões sinistradas a consolar os tristes e oprimidos, a dar de comer aos faltos de pão, a dar e prometer abrigo aos privados do lar, a consolar os orfãos, as viúvas e todos os desamparados; a todos se apresenta, a todos consola com a sua assistência e com a sua bênção paternal, bênção do Pai dos Céus!

Pio XII na guerra! Que maior prova queremos do seu amor à Paz e da sua dedicação pela caridade do próximo!?



Mas o papa não foi um, antes e outro, depois da guerra. Nunca ele se tem calado desde então para cá, nestes tempos tão tristes e tão conturbados em que se vai vivendo... mas em regime de temor. Durante todo este espaço de tempo, o Sumo Pontífice não cessa nunca de proclamar a todos a ânsia dos povos pela Paz, mas pela paz verdadeira. Não «paz feita de medo», mas uma paz que é a «segurança do futuro». Paz? Mas por que não, se é por ela que todos esperam? Mas não a suposta paz que alguns querem fazer depender da força, das riquezas e da prepotência de uns sobre os outros. Esta é a mentalidade dos ímpios, conforme o testemunho do Espírito Santo no Livro da Sabedoria: «Disseram os ímpios: ...seja a nossa força a lei da justiça» (Sap. 2,11). Não, não pode ser esta a paz que ha-de satisfazer as justas aspirações dos povos. A paz que nós queremos é a mesma que quer o Papa — «...a paz segura e estável que é antes um problema de unidade espiritual e de disposições morais. Essa paz exige, sob pena de nova catástrofe para a humanidade, que se renuncie à enganadora autonomia das forças materiais» ...«O presente estado de coisas não melhorará, se todos os povos não reconhecerem os comuns fins espirituais e morais da humanidade, se não se ajudarem a actuá-los e, por conseguinte, se não se entenderem mutuamente para se oporem à dissolvente divergência que domina entre eles no que toca ao teor de vida e à produtividade do trabalho». (Mensagem do Natal de 1953).

A paz sim, mas a paz de Cristo, a paz de Belém, paz que advirá aos «homens de boa vontade.» (Luc. 2,14).

É bom não esquecer as palavras de Pio XII, pelo Natal de 1951 :

...«O mundo está bem longe daquela ordem querida por Deus em Cristo, que é a garantia de uma paz real e duradoira»... «Está demasiado extinto no mundo de hoje o sentido profundamente cristão. Deste modo, são os homens que põem obstáculo à actuação da ordem querida por Deus.» E mais adiante: ...«A paz — como dissemos — não pode estar assegurada se Deus não reinar na ordem do universo por Si estabelecida na sociedade devidamente organizada pelos estados.» (Mensagem do Natal de 1951).

Aí fica, sumàriamente delineada, a mente do Santo Padre: Paz e Caridade, melhor, Paz na Caridade. É a sua voz, o seu lema e tem sido também toda a sua vida. E não esqueçamos que Ele é o Vigário de Cristo na terra; Ele é o «doce Cristo na terra», de que fala S. Catarina de Sena; Ele é, enfim, «Jesus Cristo contemporizado aos homens de todas as épocas». A sua voz é, por isso, a voz de Jesus a repercutir-se no mundo, de época em época, através dos séculos: «Deixo-vos a minha paz; mas não vo-la dou como a dá o mundo... Amai-vos uns aos outros».

É a voz de Cristo Jesus. É a voz do Coração Imaculado de Maria, em Fátima. É a voz do Papa. A todos os sedentos de Paz, uma coisa só se lhes propõe: ouvi-Lo e segui-Lo.

A.

P I O X I I I

— O PAPA DE TODA A IGREJA

O Papa é essencialmente Papa de toda a Igreja, segundo as palavras infalíveis de Jesus: «Tu chamaste Pedro (pedra), e é sobre esta pedra que eu edificarei a minha Igreja e as portas do inferno nada poderão contra ela!». «...Apascenta os meus cordeiros... apascenta as minhas ovelhas».

É, portanto, desta realidade total, de significado tão profundo que dificilmente se exprime em nossas categorias humanas, desta realidade material e visível, mas também e sobretudo invisível e místico-espiritual, deste facto histórico e do tempo, mas cuja substância é especificamente marcada pela transcendência essencial da sua origem divina e pela tendência básica do seu fim eterno, desta sociedade terreno-celestial a que todos são chamados, sem distinção nem restrições de qualquer género, e onde unicamente todas as actividades e funções do homem podem chegar à plenitude a que aspiram, é, portanto, dizíamos, desta realidade total denominada Igreja que o Papa é a cabeça, o orientador, o fundamento-causa da existência e da floração múltipla e ilimitada.

Mas se o Papa, só pelo facto de ser Papa, é necessariamente o

Papa de toda a Igreja, quando este Papa se chama Pio XII, a realização deste múnus essencial é tão evidente e tão notável, que não será exagerado outorgar-lhe, a ele em particular, o mesmo título, que ganha como que um sentido mais pleno e mais concreto aos nossos olhos de súbditos deste chefe incomparável.

Pio XII, Papa de toda a Igreja! Seria agradabilíssimo passar em revista todas as suas manifestações em todos os campos da actividade humana, e deixar aos seus trabalhos e palavras falar na eloquência viva e única que forçosamente os caracteriza; mas isto é evidentemente impossível, tal a vastidão quantitativa e qualificativa da obra de Pio XII: aliás, ao menos em grande parte, deve ser desnecessário, pois qual o fiel, digno deste nome, que não se esforça por estar ao corrente da vida e actos do Supremo Guia de todos os cristãos? Por isso, limitar-nos-emos a lembrar, como que ao acaso, alguns dos aspectos mais salientes de Pio XII, no decurso deste seu já gloriosíssimo pontificado ⁽¹⁾.

Pio XII, o Papa universal...

Que Pio XII possa com verdade chamar-se o Papa universal, o Papa de todos os povos e de todas as nações, o Papa da concórdia e da paz estável, o Papa do mundo de hoje, ressalta claríssimamente do seu reinado, das suas inúmeras e constantes intervenções nos mais diferentes sectores da vida social: no mundo dos governantes, dos estadistas, dos homens de ciência e da técnica, da imprensa, rádio e televisão, de todos quantos de algum modo influem nos destinos da humanidade, cujo fim exclusivo é Deus, a atingir na Igreja e pela Igreja de Jesus Cristo.

...e o Papa de tantos outros títulos...

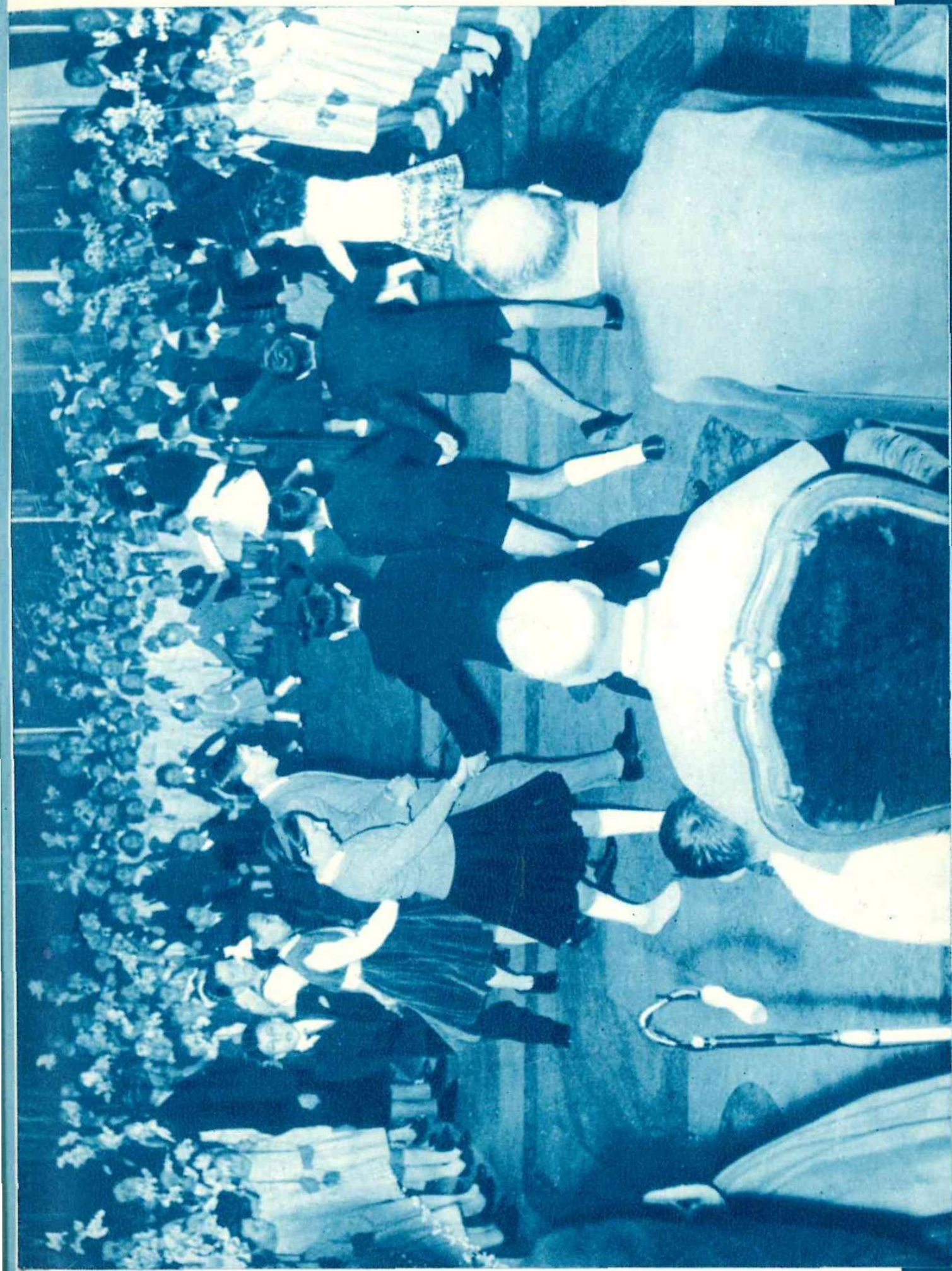
Com idêntica verdade e justiça, Pio XII é, indubitavelmente, o Papa das soluções da questão social, o Papa do mundo do trabalho: dos operários de fábrica, dos agricultores, de quantos devem ganhar o pão de cada dia com o suor do seu rosto, à imitação de

⁽¹⁾ Remetemos os leitores para as várias colecções de textos pontifícios, onde concreta e minuciosamente acharão tudo aquilo a que não é possível fazermos senão umas brevíssimas referências e sugestões. Por exemplo:

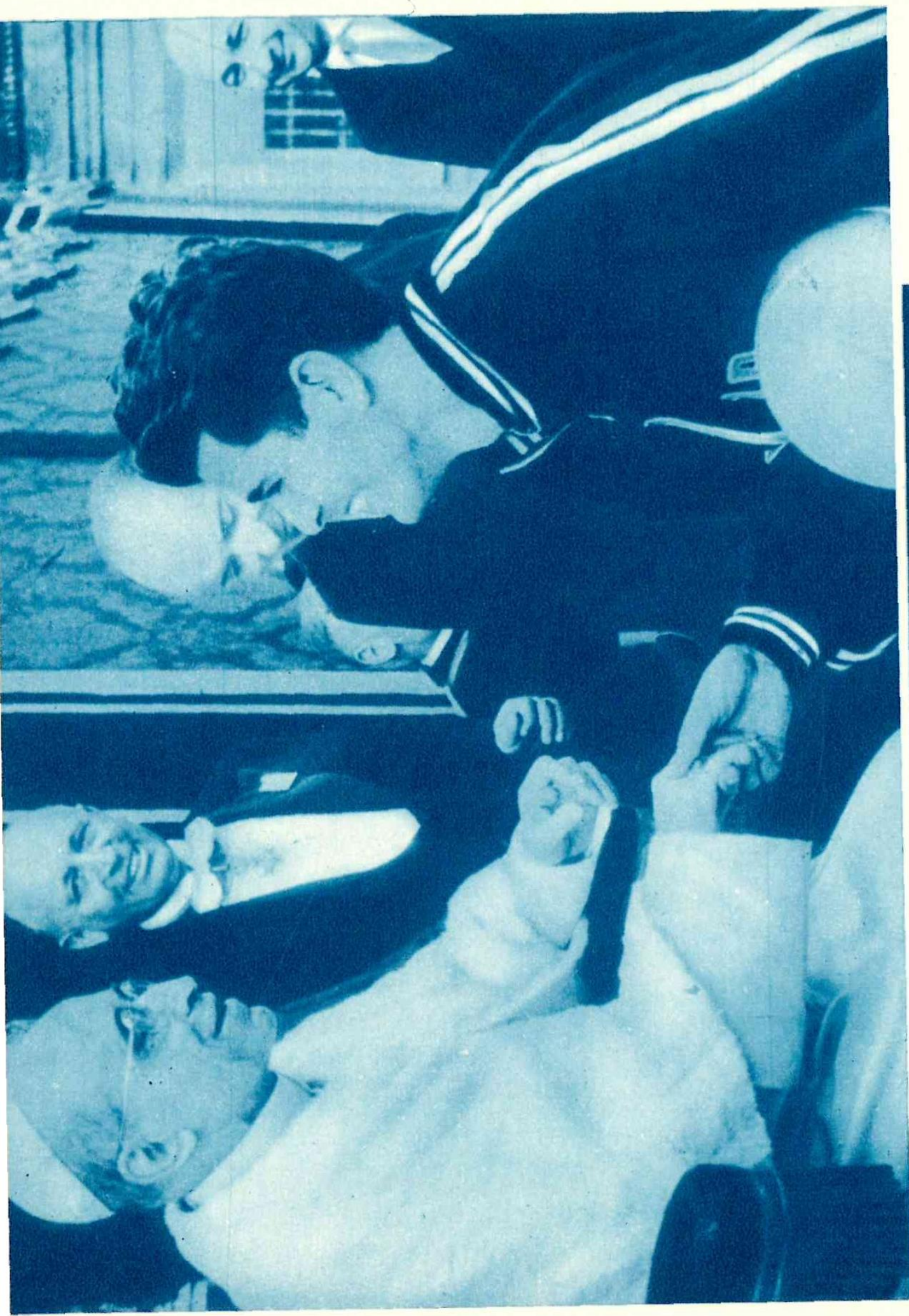
«*Acta Apost. Sedis*» (órgão oficial do Vaticano).

«*Discorsi e Radiomessagi...*» (Libreria Editrice Vatic.).

«*Reseignements Pontificaux*» (Vários vol., Desclée), Etc., etc.



A alegria das crianças, com jogos e flores, recreia o Sumo Pontífice.



Pio XII, o Papa da hora presente, abençoa o desportista

S. José, que Ele ainda o ano passado lhes deu como patrono especial, instituindo a festa litúrgica do 1.º de Maio, e a exemplo do próprio Jesus da oficina da Judeia.

O Papa dos deserdados da sorte, dos enfermos, dos pobres e dos humildes;

O Papa das criancinhas, seres indefesos da humanidade e futuros cidadãos da terra e herdeiros do paraíso;

O Papa das missões, este apostolado que é da substância mesma do fim da Igreja, a quem Jesus ordenou antes de subir aos céus: «Ide por todo o mundo, pregai o Evangelho a todas as gentes, baptizando-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo... Quem acreditar e for baptizado, será salvo, quem não acreditar, será condenado»;

O Papa do clero e dos leigos, um e outros, embora em diversos lugares e guardada sempre a ordem da hierarquia, fazendo parte integrante do Corpo Místico de Cristo, com o dever consequente de aperfeiçoar-se e aperfeiçoar todos os irmãos;

O Papa das vocações sacerdotais e religiosas (lembrando insistentemente a dignidade do estado de perfeição, mesmo para quem vive no meio do mundo: erecção canónica dos institutos seculares, etc.);

O Papa da restauração da liturgia, cuja finalidade pastoral é de levar os fiéis a participar nos mistérios sublimes da vida cristã, da maneira mais activa e mais proveitosa possível (assim, por exemplo, as mudanças das cerimónias da Semana Santa);

O Papa da «Igreja do Silêncio», parte sofredora do rebanho de Jesus que Ele governa e a que ininterruptamente dá sinais de presença íntima e solidariedade particular;

O Papa dos estudos, das escolas, das universidades, (quantas vezes Ele tem recordado a professores e a alunos a sua missão primordialíssima no destino da sociedade, como guias e propagadores das ideias, que regem os homens);

O Papa do desporto, essa força imensa da actualidade, não a abandonar-se a quem não é capaz nem se importa de lhe dar a direcção necessária, mas a orientar-se no sentido justo da recreação legítima e dignificação do homem, e sempre um meio e nunca um fim em si mesmo;

O Papa da Nação Portuguesa — «Continental, Insular e Ultramarina» — de quem Ele conhece a história gloriosa e a língua bela, e a cujos «amados e dilectos filhos» se tem dirigido em mensagens-

-testemunhos de amor paterno, que devemos esforçar-nos por não desmerecer...

E como não lembrar ao menos

E como não lembrar ao menos os títulos de Papa Mariano e Papa de Fátima, Papa da Juventude e da Acção Católica, Papa da Caridade e da Paz, além de tantos e tantos outros que só por si chegavam para um comentário substancioso: o Papa, Mestre da verdade e da vida;

O Papa das grandes canonizações: S. João de Brito, Santa Maria Goretti, S. Pio X...;

O Papa das encíclicas memoráveis: sobre o Corpo Místico de Jesus, sobre a santa Liturgia, sobre a pureza das doutrinas filosóficas, teológicas e bíblicas, sobre a sagrada Virgindade e sobre Nossa Senhora, sobre o apostolado missionário...

O Papa dos discursos e mensagens incontáveis, de ensinamento oportuníssimo e variado;

O Papa desses quadros vivos e emocionantes de todos os dias que são as audiências privadas e públicas, forma sem igual de contacto directo, em que os peregrinos ouvem, da boca da maior autoridade da terra, e na sua própria língua, palavras de conforto e encorajamento e bênção (pormenor a ter-se em conta é a facilidade e perfeição com que Pio XII maneja quase todas as principais línguas modernas: italiano, francês, inglês, alemão, espanhol, português...);

O Papa — Cristo do Vaticano — a irradiar em todo o orbe, mesmo junto dos que não crêem, um prestígio dificilmente igualável, que reverte, em última análise, em prestígio da Igreja e do próprio Deus, de quem Pio XII é o representante visível e só para cuja honra e glória infatigavelmente se dedica.

...e, sobretudo, Pio XII, o Papa Santo!

Sim, Pio XII, além de tudo o mais e antes de tudo o mais e donde tudo o mais brota como que de fonte inexaurível, o Papa Santo, a quem, na verdade, poderiam atribuir-se as frases de S. Paulo, que iluminam e definem uma existência: «eu vivo, mas já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim!» «A minha vida é Cristo!» Não significarão nada, por exemplo, as recentes visões que Ele teve do mesmo Senhor Jesus, que veio confortá-lo no meio de sofrimentos atrozes e que tanto comoveram o universo católico?

O Papa do «Mundo Novo», do «Mundo Melhor»!

Pio XII, o Papa de toda a Igreja! Cujas vistas e solitudes e trabalhos abarcam o mundo todo, numa ânsia incontida de renovação plena e instauração plena e instauração absoluta do reinado de Deus, única via de felicidade autêntica e verdadeira salvação temporal e eterna para todos os homens e todos os povos e nações. Este «Mundo Novo», este «Mundo Melhor», mundo por inteiro «segundo o coração de Deus», em cuja aspiração e realização estão admiravelmente condensadas todas as outras aspirações e realizações, o lançar inflamado e apostólico deste movimento sem igual, de uma largueza que se confunde com a universalidade da própria Igreja, é, sem dúvida, das obras fundamentais do Sumo Pontífice de hoje e um marco decisivo na História Eclesiástica do século XX. Como ele resume e engloba tudo o mais e é, na mais exacta acepção do termo, o movimento do Papa de toda a Igreja, não ficará mal encerrar estas nossas considerações com uma referência especial a esta grande cruzada, que, sendo a cruzada do Papa deve ser igualmente a cruzada de todos os cristãos, a cruzada de todos nós.

Origem e essência da cruzada do Mundo Melhor

O movimento por um «Mundo Novo», por um «Mundo Melhor», vinha-se preparando de longe. Desde há vários anos que um jesuíta italiano, padre Ricardo Lombardi, dedicava todas as suas energias e vastíssima formação intelectual e espiritual à idealização e execução deste programa, verdadeiramente à escala do universo. O mundo precisa de uma renovação geral: mais, aspira a ela e sente-lhe a necessidade inadiável. Mas só a Igreja de Cristo, só Cristo, pode saciar devidamente esta sede de restauração. Urge pois, uma mobilização geral, inteira, omnímoda, de todos os cristãos e de todas as forças cristãs, para a conquista do mundo. Nada de mesquinhas, de isolacionismos, de exclusivismos. Tudo e todos são chamados. É um novo Pentecostes, é a hora decisiva de Jesus, que quer fazer de todos os homens filhos de Deus e da sociedade a sociedade própria dos filhos de Deus. É preciso actuar na íntegra o plano de Deus, criar a «Cidade de Deus», em cada um pessoalmente e nas estruturas da sociedade dos homens, filhos do mesmo Pai dos céus, com o mesmo único destino comum: o método chamado «esercitazioni» procura exactamente corresponder a estas exigências, unindo às vantagens dos exer-

cícios espirituais (directa reforma individual) as considerações e discussões colectivas dos problemas da humanidade que exigem uma solução.

O P.^e Lombardi, depois de larguíssima experiência, (em todos os meios e praticamente em todas as nações: quem não se lembra de o ver em Portugal ainda não há muito tempo?), compendiava a elaboração de um mundo a reconstruir, nalguns livros fundamentais: «Pio XII per un mondo migliore»; «Per un mondo nuovo»; «Appunti per un mondo migliore»... (de que já existem traduções em diversas línguas).

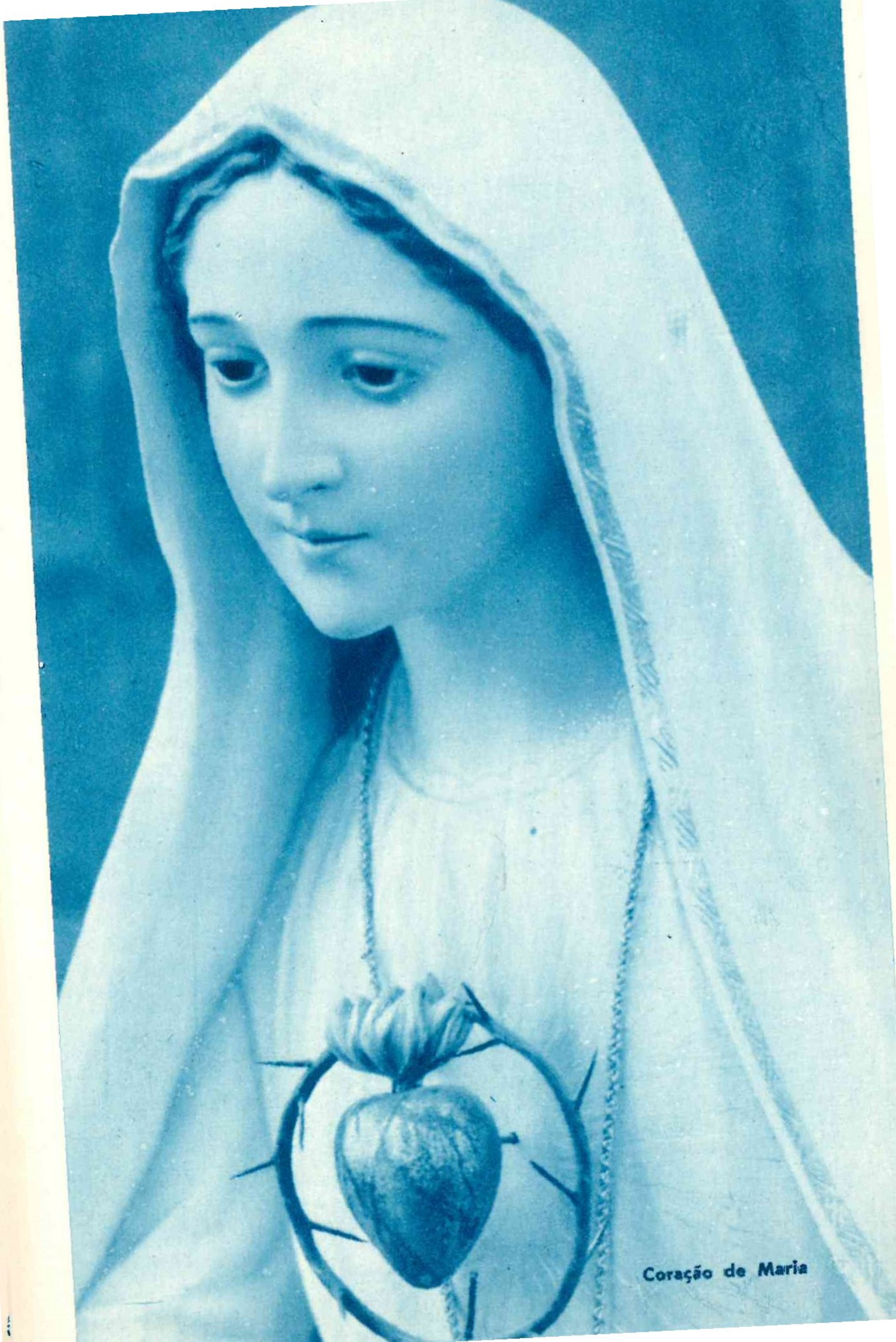
«Autenticação e «Canonização» do movimento

Mas este grande apóstolo dos nossos dias não era o único a sentir e a proclamar a necessidade de uma revisão geral e de uma conquista geral do mundo; alguém mais era tormentado pela ânsia indispensável de uma «ordem nova», de uma «idade nova», de uma «restauração indispensável: «esse alguém era precisamente o Vigário de Cristo na terra, Pio XII.

E assim quando, na data histórica de 10 de Fevereiro de 1952, o Santo Padre, dirigindo-se aos fiéis de Roma, fazia a proclamação oficial do movimento, «autenticando» e «canonizando» a iniciativa do já famoso jesuíta, denominado justamente o «alto-falante do Papa», o «alto-falante de Cristo», com desejo expresso que, iniciado na Cidade eterna, se estendesse em breve a todas as dioceses do orbe católico, este acto, de que não pode exagerar-se a importância, não foi mais que a explosão impetuosa de uma força há muito a querer manifestar-se, a expressão do começo oficial de uma campanha, que abrange todos os sectores da vida humana e cristã (instrução, educação, justiça social, caridade, acção católica, vocações, etc., etc.) e todos os planos existentes (plano individual, familiar, paroquial, diocesano, nacional, mundial...), numa universalidade característica da Igreja, com cujo esforço geral de renovação e conquista o movimento literalmente se identifica.

E a cruzada alastra

Actualmente, depois da chamada vibrante do Papa, o movimento está mais vigoroso que nunca e começa a antever-se o que ele pode tornar-se num futuro próximo. Alastra em profundidade e em exten-



Coração de Maria



O Papa coroando N.^a Senhora Rainha do Mundo

são: às «exercitações» do «mundo melhor» acorrem de todas as partes e de todos os membros do Corpo místico, ávidos de cooperarem nesta nova fermentação do género humano, ganhando o espírito, o clima, a atmosfera dos grandes momentos da história da Igreja — Cardeais, Bispos, Sacerdotes, Religiosos, Leigos de ambos os sexos e de todas as condições, numa sequência ininterrupta e com os resultados mais positivos; outros centros se fundam ou estão em vias de fundar-se em vários países: Espanha, Brasil, Portugal...

A todo o instante abrem-se perspectivas cada vez mais vastas. Tem-se a impressão que é verdadeiramente uma idade nova que principia. (1)

Tomar consciência da nossa cooperação!

Os apóstolos e apóstolas do Coração Imaculado de Maria devem, também eles, ganhar consciência de que, trabalhando a sério no seu próprio movimento renovador, trabalham já e eficazmente sob a bandeira do Papa do «Mundo Melhor» nesta grande campanha que não admite esquivações ou ausências.

Mensagem histórica de Pio XII ao lançar a cruzada

Ao terminar, como não deixar aqui, para a meditação de todos, ao menos algumas das passagens mais significativas da proclamação oficial desta cruzada por um «Mundo Novo» lançada em Roma no dia 10 de Fevereiro de 1952 e estendida no dia 12 de Outubro do mesmo ano a todo o orbe católico?

Elas marcam o programa a seguir e sintetizam, do modo mais adequado, a personalidade e as ânsias, as aspirações e as realizações de Pio XII, o Papa do universo, o Papa do «Mundo Melhor», o Papa de toda a Igreja.

Um grito de alarme do Pastor e Pai

«É do fundo do coração, amados filhos e filhas, que vos dirigimos esta exortação paternal; do nosso coração inquieto por ver, de um lado, o continuar, sem melhoria estável, duma situação cheia de

(1) O centro provisório geral do «Movimento por um Mundo Melhor» é no «Palazzo Alieri, Piazza del Gesù, 49, Roma», onde são bem-vindos quaisquer pedidos de informação.

perigos, e, doutro, o estender-se desenfreado duma apatia que impede a muitos de empreender o regresso a Jesus Cristo, à Igreja, à vida cristã, a que tantas vezes nos referimos como ao remédio solucionador da crise total que agita o mundo. Todavia, a confiança reconfortante de vos encontrar compreensivos e prontos à acção, moveu-nos a abrir-vos a nossa alma. É um grito de alarme que hoje ouvis dos lábios do vosso Pai e Pastor, de nós que não podemos ficar mudos e inertes diante de um mundo que avança inconscientemente por caminhos que levam ao abismo as almas e os corpos, os bons e os maus, as civilizações e os povos. É o sentimento da nossa responsabilidade diante de Deus que exige que tudo tentemos, que tudo empreendamos para que ao género humano seja poupada uma tão enorme catástrofe».

Apeio a todos os bons

«Recorrendo, pois, uma vez mais à benignidade de Deus e à misericórdia de Maria, é preciso que todo e cada fiel, todo e cada homem de boa vontade, examine de novo, com seriedade digna dos grandes momentos da história humana, o que ele pode e deve pessoalmente fazer, como contributo para a obra salvífica de Deus, para vir em socorro de um mundo, que se encaminha para a perdição.

Uma tal situação, que ameaça explodir a todo o momento e cuja origem deve procurar-se na indiferença religiosa, no baixo nível moral da vida pública e particular, na sistemática obra de intoxicação das almas simples, a quem o veneno é oferecido depois de se lhes ter, para assim dizer, narcotizado o sentido da verdadeira liberdade, não pode deixar os bons imobilizados nos caminhos batidos, espectadores passivos dum futuro terrível. O próprio Ano Santo, que produziu um tão prodigioso desabrochar da vida cristã, não deve ser considerado como um astro brilhante mas efémero, nem como um esforço momentâneo que já acabou, mas sim como o primeiro e esperançoso passo para a restauração completa de espírito evangélico, que, além de arrancar milhões de almas à ruína eterna, é o único a poder assegurar a convivência pacífica e a fecunda colaboração entre os povos».

São horas de acordar!!!

«E agora é já tempo, amados filhos! É já tempo de dar os outros passos definitivos; é tempo de sacudir a funesta apatia; é tempo que todos os bons, todos os que se interessam nos destinos

do mundo, se conheçam e cerrem fileiras; é tempo de repetir com o Apóstolo: são horas de acordarmos do sono! (Rom. 13,11), pois que agora está perto a salvação!»

Urge refazer tudo

«É todo um mundo que é preciso reconstituir desde os alicerces, que é preciso transformar de selvagem em humano, de humano em divino, quer dizer, segundo o coração de Deus. Milhões de homens pedem uma mudança de caminho e olham para a Igreja de Cristo como para a única e válida timoneira, que, respeitando a liberdade humana, é capaz de dirigir uma tão grande empresa; eles imploram a sua direcção com palavras explícitas e ainda mais com as lágrimas já derramadas, com as feridas ainda a sangrar, apontando esses enormes cemitérios, de que o ódio organizado e armado cobriu os continentes.»

Pio XII, arauto do «Mundo Melhor»

«Como poderíamos Nós, Nós que, embora indignos, Deus constituiu farol no meio das trevas, sal da terra, pastor da grei cristã, como poderíamos Nós recusar esta missão salvadora?

Da mesma forma que aceitámos num dia já longínquo, porque assim era a vontade de Deus, a pesada cruz do Pontificado, assim também agora Nos submetemos ao árduo ofício de ser, na medida das nossas débeis forças, o arauto de um mundo melhor, querido por Deus...

...Acolhei com nobre ímpeto de dedicação, reconhecendo-a como a chamada de Deus e razão digna de viver, a santa missão que hoje vos confia o vosso Pastor e Pai: dar início a um poderoso despertar de pensamentos e obras, despertar que empenha a todos sem evasão de espécie alguma, ao clero e ao povo, às autoridades, às famílias, aos grupos, a cada indivíduo, nas linhas de defesa dos valores morais, na actuação da justiça social, na reconstrução da ordem cristã...».

Acção, Acção, Acção!

«Não é o momento de discutir, de procurar princípios novos, de marcar novos objectivos e fins: uns e outros, já substancialmente conhecidos e certos, pois que foram ensinados pelo próprio

Jesus, explicados pela secular elaboração da Igreja, adaptados às circunstâncias actuais pelos últimos Sumos Pontífices, não esperam mais que uma só coisa: a concreta realização!

De que serviria perscrutar os caminhos de Deus e do espírito, se na prática se escolhessem as vias da perdição e se curvassem dôcilmente as costas ao flagelo da carne? Que aproveitaria o conhecer-se e o dizer-se que Deus é Pai e os homens são irmãos, quando se teme qualquer intervenção d'Ele na vida privada e pública? Que valeria disputar-se sobre a justiça, sobre a caridade, sobre a paz, se a vontade está de antemão resolvida a evitar qualquer imolação, o coração determinado a fechar-se num isolamento glacial, e se ninguém ousasse tomar a iniciativa de transpor as barreiras do ódio que separa para oferecer um abraço leal? Tudo isto não faria senão tornar mais culpáveis os filhos da luz, aos quais menos se perdoará se menos tiverem amado. Não foi com tal incoerência e inércia que a Igreja nos seus princípios, mudou a face da terra, e se estendeu rapidamente e continuou através dos séculos a sua obra de benfazer, e ganhou a admiração e a confiança dos povos.

Origem dos males de hoje

Seja bem claro, amados filhos, que à raiz dos males de hoje e das suas funestas consequências, não está, como nos tempos antes do cristianismo ou nas regiões ainda pagãs, a ignorância invencível sobre os destinos eternos do homem e sobre os meios essenciais de a eles chegar: mas sim, a letargia do espírito, e anemia da vontade, a frieza dos corações. Os homens atingidos de uma tal peste, como que para se justificarem, tentam rodear-se das antigas trevas e procuram um alívio em erros novos e velhos. É necessário, pois, agir sobre a vontade!

Plano geral de acção!

A acção, a que chamamos hoje pastores e fiéis, seja reflexo da acção de Deus: seja iluminadora e unificadora, generosa e cheia de amor. Para tal fim, colocando-vos diante de situação concreta, vêde que sejam bem identificadas as necessidades, bem claros os objectivos, bem calculadas as forças disponíveis, de maneira que os recursos iniciais não sejam desprezados porque des-



Portugal fez-se dignamente representar nas solenes comemorações do 80.º aniversário de Pio XII: se o Povo Português está presente no coração do «Papa de toda a Igreja», também o «Papa de toda a Igreja» está presente nos corações de todos os Portugueses: esta «constante histórica» mantém-se para honra da «Nação Fidelíssima».



Pio XII examina e abençoa a maquete do Centro universal do «Mundo Melhor», em vias de terminar-se em Castelgandolfo, nos arredores da Cidade eterna, e que será o quartel general definitivo desta cruzada gigantesca: o P. Lombardi (+) o «alto-falante do Papa», o «alto-falante de Deus», está presente!

conhecidos, nem empregados sem ordem ou desbaratados em actividades de segundo plano. Que todas as almas de boa vontade sejam convidadas, que elas próprias se ofereçam espontaneamente. A sua lei seja a fidelidade incondicionada à pessoa de Jesus Cristo e aos seus ensinamentos. A sua oferta seja humilde e obediente; que o seu trabalho se junte como elemento activo à grandiosa corrente, que Deus moverá e conduzirá, por meio dos seus ministros.»

Confiança do Papa

«Estamos certos que, tanto em número como em qualidade, não faltarão os corações generosos, que ouvirão o nosso apelo e actuarão o nosso desejo.

Existem almas ardentes que esperam com ansiedade a chamada: a tal entusiasmo impaciente indique-se o vasto campo a desbravar! Outras estarão sonolentas e será preciso acordá-las; receosas, e precisarão de coragem; desorientadas, e urge dar-lhes a direcção!

De todos se exige um sábio enquadramento, um emprego judicioso, um ritmo de trabalho que corresponda à premente necessidade de defesa, de conquista e de positiva construção».

Aspirações do coração de Pio XII

Fazemos os mais ardentes votos para que este despertar, a que hoje vos exortamos, iniciado e tenazmente prosseguido conforme o plano traçado, que outros poderão ilustrar nos pormenores — seja em breve imitado pelas dioceses próximas e longínquas, a fim de que aos nossos olhos seja concedido ver regressar a Cristo não apenas as cidades, mas as nações, os continentes, a humanidade inteira».

Não há tempo a perder

«Vamos, pois, mãos à obra!

Deixai-vos mover pelo Senhor, que o quer, deixai-vos atrair pela nobreza do empreendimento, estimular pela sua urgência: que o temor bem justificado do futuro terrível, que seria o resultado

de uma inércia pecaminosa, seja capaz de vencer quaisquer hesitações e determinar todas as vontades!

Sirvam-vos de apoio as orações dos humildes e dos pequenos, para quem vão nossos cuidados mais ternos, as dores aceitadas e oferecidas de todos os que sofrem. Os exemplos e a intercessão dos Mártires e dos Santos fecundarão os vossos esforços. Bendirá e multiplicará o vosso triunfo, pelo qual rezamos ardentemente, a própria Virgem Santíssima... Seja-vos, enfim, de conforto e amparo a nossa paternal Bênção Apostólica que, na efusão da nossa alma, derramamos sobre todos vós, sobre as vossas famílias, sobre todas as vossas obras!»

A. F.

PALAVRA DE ORDEM DE SUA SANTIDADE O PAPA PIO XII

A O Sumo Pontífice felizmente reinante podemos bem considerar como o «**Papa da Rainha do Mundo**».

Ele é, na verdade o Papa providencialmente predestinado a executar no tempo os especiais planos divinos do coração misericordioso de Deus.

Falar de Pio XII como do «Papa da Rainha do Mundo» é, pois, reconhecer o seu especial cuidado em colocar o rebanho, a ele confiado, sob o real cetro da gloriosa Rainha do Céu e da Terra.

A definição dogmática da Assunção, a consagração da Igreja e de todo o Mundo ao Imaculado Coração de Maria, a instituição da festa da Realeza de Nossa Senhora, entre os inúmeros testemunhos dispersos pelas alocações, radiomensagens, cartas encíclicas..., aí estão para no-lo atestar inconfundivelmente.

Aos olhos de Sua Santidade Nossa Senhora «**é sempre a Mãe de Deus, seja qual for o título com que se invoque — Nossa Senhora de Fátima, Nossa Senhora de Lourdes, Nossa Senhora de Guadalupe, Nossa Senhora do Pilar; Santa Maria de Alcobaça, Santa Maria da Vitória, Santa Maria de Belém; «a Imaculada, a Senhora, Padroeira e Protectora dos nossos Reinos e Senhorios»; — seja qual for o título com que se invoque, Ela é sempre Aquela a quem amam os cristãos, a quem se encomendam os católicos, a quem aclamam até ao delírio as multidões do mundo inteiro...»**

Mas «Aquela, a quem as multidões de cristãos do mundo inteiro aclamam até ao delírio... é também **«Aquela aclamada por outras multidões bem mais inumeráveis, com outras aclamações bem mais ardentes, com outros triunfos bem mais diversos, numa hora — eternamente solene — no dia sem ocaso da eternidade: quando a Virgem gloriosa, entrando triunfante na Pátria celeste, foi através das**

jerarquias bem-aventuradas e dos coros angélicos sublimada até ao trono da Trindade beatíssima, que, cingindo-Lhe a fronte de um tríptico diadema de glória, A apresentou à Corte celestial, assentada à direita do Rei imortal dos séculos e coroada Rainha do Universo.

É nestes termos que o Santo Padre nos fala de Nossa Senhora; Sua Santidade compraz-se em todos os títulos da «Augusta Mãe de Deus»; mas gosta particularmente de no-l'A apresentar tal como vive hoje nos céus — gloriosa, reinante:

«É a celeste Mãe do Rei divino que sobre Ela reflecte a glória, a majestade e o império da Sua realeza;»

«É Mãe e Ministra associada, com um poder quase imenso, na distribuição das graças que da Redenção derivam;»

«Por Jesus, com Jesus, subordinadamente a Ele, o Rei dos séculos eternos por natureza e conquista, Maria é Rainha por graça, por parentesco divino, por conquista, por singular eleição;»

«E o reino de Maria é vasto como o de Seu Filho e Deus, pois que de seu domínio nada se exclui.»

Com o Papa, com a Igreja, saudemo-l'A **«Rainha dos Anjos, dos Santos, dos Patriarcas, dos Profetas, dos Apóstolos, dos Mártires, dos Confessores, das Virgens...»**

Como o Papa, no coro unísono da Igreja, universal, aclamemo-l'A **«Rainha dos céus e da terra, gloriosa, digníssima Rainha do universo.»**

Como nós ensina a Igreja, como nos inculca o Santo Padre, invoquemo-l'A **«de noite e de dia, entre gemidos e lágrimas, de que é fecundo este exílio: Salve Rainha, Mãe de misericórdia, vida, doçura, esperança nossa...»**

«É que a Realeza de Maria é essencialmente materna, exclusivamente benéfica».

E ressoem, enfim, em nossos corações agradecidos pelo dom insigne feito à Igreja de tão Augusto Pontífice, as palavras mesmas de Sua Santidade:

«Com o Senhor, bendita seja Aquela que Ele constituiu Mãe de misericórdia, Rainha e Advogada nossa amorosíssima, Medianeira de suas graças, Dispensadora de seus tesouros!»

*

Ora, é também ao serviço desta «gloriosa e digníssima Rainha do universo» que o Santo Padre deseja ver empenhado todo o mundo.

Já Portugal inteiro oficialmente protestou a sua fé na Realeza de Maria e jurou fidelidade à sua celeste Rainha e Padroeira, quando, pelas mãos do Cardeal Legado de Sua Santidade, Lhe cingiu a fronte com uma preciosa coroa de ouro, em 31 de Maio de 1946. Ouçamos as palavras do Sumo Pontífice no momento da coroação. Elas ainda hoje ressoam quentes, paternas e enérgicas, em nossos ouvidos de portugueses e católicos:

«Vós, coroados a imagem de Nossa Senhora, assinastes com o atestado de fé na sua realeza, o de uma submissão à sua autoridade, de uma correspondência filial e constante ao seu amor.»

Mas não é tudo, aquela cerimónia, no dizer mesmo do Santo Padre e no nosso próprio sentir, é o testemunho público de um compromisso:

«Fizestes mais ainda: alistastes-vos cruzados para a conquista ou reconquista

do seu Reino, que é o Reino de Deus. Quer dizer, obrigastes-vos a trabalhar para que Ela seja amada, venerada, servida à volta de vós, na família, na sociedade, no mundo.»

«Uma cruzada para a conquista ou reconquista do reino de Maria»... Mas afinal o que é o Movimento dos Apóstolos do Coração Imaculado de Maria, senão esta **Santa cruzada**, que o Papa esperançadamente proclamou, a que Portugal generosamente aderiu? — O seu fim é exactamente este: difundir a mensagem de Fátima; tornar o Coração maternal da augusta Rainha e Padroeira de Portugal mais conhecido amado, venerado, servido ao perto e ao longe, na família, na sociedade, no mundo...

O Movimento dos Apóstolos e Apóstolas do Coração Imaculado de Maria não é, pois, de um grupo, de uma classe, mas deseja ser a **cruzada** de Portugal, do mundo, como quer o Santo Padre, ao serviço do «reino de Maria, que é o reino de Deus.»

Neste momento, para quantos já ingressaram no MOVIMENTO é sumamente grato escutar de novo o «consolador testemunho» que dele nos dá S. Eminência o Sr. Cardeal Patriarca, sintetizando o pensar de todo o venerando Episcopado português: «**Movimento se chama para exprimir que não tem muros que o separem de quaisquer outras associações. Tem mais de espírito que de organização. Tão largo como o campo da Igreja... Quer ser tão livre e tão largo como o apelo de Fátima dirigido a todos. Entra como fermento em todas as obras, sem desvirtuar dos seus fins e métodos nenhuma.**»

O Movimento dos Apóstolos e Apóstolas do Coração Imaculado de Maria que ninguém o combata se ele é de todos e para todos, se este é o vivo desejo do Santo Padre — todos empenhados nesta **santa cruzada**:

«**E nesta hora decisiva da história, como o reino do mal com infernal estratégia emprega todos os meios e empenha todas as forças para destruir a fé, a moral, o Reino de Deus, assim os filhos da luz, e filhos de Deus, têm de empenhar tudo e empenhar-se todos para o defender, se não se quer ver uma ruína imensamente maior e mais desastrosa que todas as ruínas materiais acumuladas pela guerra.**»

E as palavras do Papa tornam-se mais categóricas ainda quando acrescenta: «**Nesta luta não pode haver neutros nem indecisos.**»

Todos alistados nesta **santa cruzada** mas todos conscientes dos seus deveres, das suas regalias. O modesto órgão do Movimento dos Apóstolos e Apóstolas do Coração Imaculado de Maria que justamente se chama AO SERVIÇO DA RAINHA DO MUNDO pondo de lado todos os fins comerciais, debaixo de uma humilde roupeta embora, quer ser, adentro desta santa cruzada, uma chama a irradiar luz e calor para a realização dos votos do mesmo Sumo Pontífice:

«**É preciso um catolicismo iluminado, convicto, desassombrado, de fé e mandamentos, de sentimentos e de obras, em particular e em público. O lema que há quatro anos proclamava em Fátima a briosa Juventude Católica: «Católicos a cem por cem!»**

Não há dúvida. As palavras do Papa aí ficam claras, categóricas, «**Ao serviço da Rainha do Mundo**» é a palavra de ordem de Sua Santidade o Papa Pio XII.

(**Leia-se toda a mensagem de Pio XII, por ocasião das solenidades de Fátima em 31 de Maio de 1946**).

Quer inscrever-se no nosso movimento?

QUER viver no aconchego maternal do Coração Imaculado de Maria?

Quer dar uma resposta ao pedido de Nossa Senhora em Fátima quando disse: «Deus quer estabelecer no mundo a devoção ao meu Imaculado Coração»?...

Pois bem, inscreva-se no **«Movimento dos apóstolos e apóstolas do Coração Imaculado de Maria para a difusão da mensagem de Fátima»**.

Este movimento pretende, numa organização toda espiritual, sem bandeira nem distintivo, congregar e unir à volta do Coração vivo e glorioso da Mãe de Deus e Rainha do céu todas as almas de boa vontade que sonham com o ideal de pôr a vida ao Seu serviço, consagrando-se por inteiro a Ela, a fim de melhor servir a Santa Igreja, cada um conforme a sua condição e vida.

Quem enfileira neste movimento compromete-se a:

- 1) Consagrar-se totalmente ao Imaculado Coração de Maria e levar os outros a fazer o mesmo.
- 2) Guardar e defender com ciúme santo a graça baptismal, alimentando-a frequentemente com os sacramentos de modo a ser, como Maria, sacrário vivo do Espírito Santo.

3) Lutar até ao martírio pela pureza de corpo e de alma, em si e nos outros, e seguindo sempre, sobretudo no vestir e nos passatempos, as regras do pudor e da decência cristã.

4) Encher a vida de oração reparadora, em particular por meio dos 15 mistérios do Rosário, diària e meditados.

5) Dar-se a toda a sorte de apostolado dentro das condições de vida e segundo a manifestação da santíssima Vontade de Deus à própria consciência.

6) Difundir o movimento e atrair a ele o maior número de almas possível.

7) Assinar a revista do movimento: **«Ao serviço da Rainha do mundo»**.

Este movimento está mais que aprovado pela Hierarquia como sendo um dos mais preciosos e eficazes auxiliares da A. C. e a «resposta mais adequada à mensagem de Fátima». É tido ainda como uma das melhores formas de «realizar eficazmente a campanha da pureza» tão pedida e recomendada pela Santa Sé.

...Peça informações ao Director do Seminário da Silva, Barcelos, ou aos Secretários.

Et lux in tenebris lucet



No cimo da Colina do Vaticano a voz de Pio XII é uma luz a iluminar todas as gentes para a reconstrução do Mundo Novo.

